

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Paulo Vinícius Fernandes de Freitas

**Do Profano ao Sagrado: uma análise da doutrina bíblica da salvação nos
poemas religiosos de Gregório de Matos**

Mestrado em Literatura e Crítica Literária

São Paulo

2020

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Paulo Vinícius Fernandes de Freitas

Do Profano ao Sagrado: uma análise da doutrina bíblica da salvação nos poemas religiosos de Gregório de Matos

Mestrado em Literatura e Crítica Literária

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária, sob orientação da Prof^a. dra Elizabeth Cardoso.

São Paulo

2020

Banca Examinadora

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001”

Número do Processo:

88887.176272/2018-00

“This study was financed in part by the
Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – Brasil
(CAPES) – Finance code 001”

Process Number:

88887.176272/2018-00

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, autor da vida, que sempre me susteve e que me capacitou para esse importante momento de minha carreira acadêmica. Toda a honra a Ele, “pois nEle vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17:28).

À minha mãe e irmãos, que dão sentido a minha vida.

A meus primos Diego Fernandes e Leonardo Fernandes

À CAPES, que proporcionou o financiamento do curso com bolsa de estudo, sem o qual não seria possível a sua conclusão.

A todos os professores, funcionários e amigos da Escola Estadual Professor Antonio Candido Correa Guimarães Filho, onde cursei o Ensino Fundamental e Médio, e que foram fundamentais para que me tornasse o ser humano que sou hoje. Em especial, agradeço a Diretora Eliete, que sempre fez todo o possível para tornar o ambiente escolar propício para o aprendizado. Às Professoras Maria Cristina, Ana Maria Tonon, Marli Signoretti, Ângela e, por fim, mas não menos importante, a Professora Maria Joana da Silva, de Língua Portuguesa e Literatura, que despertou ainda mais minha paixão pelos livros através da paixão dela. A todos esses, que me formaram para a vida, não apenas para o universo escolar e acadêmico, minha eterna gratidão.

Ao Professor André Yuiti Ozawa, meu professor na graduação, por quem tenho imensa admiração e que me ensinou muito a respeito da análise dos poemas de Gregório de Matos.

À minha orientadora, Professora Elizabeth Cardoso, por todo o companheirismo, auxílio, paciência e tempo dedicados a mim e a esta pesquisa.

Às professoras Leila Darin, Maria Rosa Duarte, Diana Navas, Vera Bastazin e Maria Aparecida Junqueira, por todo o profissionalismo e dedicação.

Aos outros professores do Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP que não ministraram aulas a mim, mas que pude conhecer e admirar através de outros eventos e atividades na Universidade.

À Ana Albertina, por todo o auxílio burocrático, paciência e pelos conselhos para a vida.

Ao Professor Cristiano Camilo Lopes, que gentilmente se dispôs a participar do meu exame de qualificação e da banca examinadora, e por quem tenho grande admiração.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram e me auxiliaram durante esse percurso da pós-graduação.

FREITAS, Paulo Vinicius Fernandes. **Do Profano ao Sagrado: uma análise da doutrina bíblica da salvação nos poemas religiosos de Gregório de Matos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2020.

RESUMO

A presente pesquisa propõe identificar aspectos referentes à doutrina bíblica da salvação da humanidade por meio de Jesus Cristo nos poemas religiosos de Gregório de Matos e Guerra, mediante análise. Parte-se da seguinte indagação: Existem marcas visíveis no percurso do eu-lírico dos poemas religiosos de Gregório que se assemelhem aos atributos inerentes ao ser humano que percorre tal “trajetória da salvação”, segundo o cristianismo? Nosso *corpus* de investigação é composto por quatro poemas da esfera religiosa da poética gregoriana (A Nosso Senhor Jesus Cristo com Actos de Arrependimento e Suspiros de Amor, A Nosso Senhor Jesus Cristo, Buscando a Cristo e A Cristo Nosso Senhor Crucificado). A hipótese do trabalho é que mesmo em face de um período conflituoso para o espírito humano como fora o barroco, principalmente no que tange às questões religiosas, devido às dissensões entre os reformistas e os contrarreformistas, a noção da necessidade da salvação eterna através de Jesus Cristo continua a permear o entendimento do ser humano e a se manifestar por meio da literatura. Com vista em demonstrar as características da manifestação salvífica de Deus através do homem, nossa teoria para elaborar o que nomeamos de “etapas da salvação” é baseada no estudo da soteriologia, contidos nas obras de teologia sistemática de Wayne Grudem e Millard J. Erickson. A respeito do códice, estudo e análise da poesia de Gregório de Matos, nos valem de grandes estudiosos da poética gregoriana, tais como James Amado, João Adolfo Hansen e Rogério Chociay. A fim de realizar uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, utilizaremos os métodos analítico e hipotético-dedutivo.

Palavras-Chave: Gregório de Matos, Literatura, Poesia, Doutrina da Salvação, e Cristianismo

FREITAS, Paulo Vinicius Fernandes de. **From the Profane to the Sacred: an analysis of the biblical doctrine of salvation in Gregório de Matos’ religious poems**. Master’s Thesis. Post-Graduate Studies Program in Literature and Literary Criticism. Pontifical Catholic University of São Paulo, SP, Brazil, 2020

ABSTRACT

This research aims to identify aspects related to the biblical doctrine of the salvation of humanity through Jesus Christ, by analyzing religious poems of

Gregório de Matos e Guerra, starting from the following question: Are there visible marks on the path of the Poetic Persona of Gregório's religious poems that are similar to the attributes inherent to the human being who follows this "path of salvation", according to Christianity? Our research corpus is composed of four poems from the religious sphere of Gregorian poetics (To Our Lord Jesus Christ with Acts of Repentance and Sighs of Love, To Our Lord Jesus Christ, Seeking Christ and To Christ Our Crucified Lord). The work will try to reveal that, even in the face of a conflictive period for the human spirit as it was the Baroque, especially with regard to religious issues, due to the dissensions between reformists and anti-reformists, the notion of the need for eternal salvation through Jesus Christ continues to permeate the understanding of the human being and to manifest itself through literature, as we intend to show in the analyzes. In order to demonstrate the characteristics of the saving manifestation of God through man, our theory to elaborate what we call "stages of salvation" is based on the study of soteriology, contained in the systematic theology works of Wayne Grudem and Millard J. Erickson. Regarding the codex, study and analysis of Gregório de Matos' poetry, we make use of great scholars of Gregorian poetics, such as James Amado, João Adolfo Hansen and Rogério Chociay. In order to carry out a qualitative, exploratory and bibliographic research, the analytical and hypothetical-deductive methods will be used.

Key-Words: Gregório de Matos, Literature, Poetry, Doctrine of Salvation, and Christianity

SUMÁRIO

Considerações Iniciais –	10
Capítulo 1 – Apontamentos sobre o Barroco	15
1.1 A literatura barroca no Brasil	212
1.2 Gregório de Matos: Do Profano ao Sagrado.....	24
Capítulo 2 – A teologia sistemática e a soteriologia bíblica.....	34
2.1 Formação das etapas da “trajetória da salvação”	42
2.2 A Depravação Total e a ação da Graça de Deus.....	43
2.3 Confissão e transformação de comportamento.....	4951
2.4 Dependência do homem em relação a Deus.....	557
2.5 Confiança na salvação ao fim da vida	62
Capítulo 3 – Gregório de Matos e a "trajetória da salvação"	65
Poema 1 (A Nosso Senhor Jesus Cristo com Actos de Arrependimento e Suspiros de Amor)	658
Poema 2 (A Nosso Senhor Jesus Cristo).....	768
Poema 3 (Buscando a Cristo)	836
Poema 4 (A Cristo Nosso Senhor Crucificado).....	8891
Considerações finais	969
Referências Bibliográficas	102
Anexos.....	105

Considerações iniciais

A leitura da poesia de Gregório de Matos e Guerra (1633? – 1696) indica que ele era conhecedor da Bíblia Sagrada e das doutrinas cristãs. Temáticas como Deus e Diabo, céu e inferno, pecado e perdão, salvação e condenação e outros temas relacionados ao cristianismo e à Igreja Católica permearam seus escritos. Uma grande variação de textos bíblicos se faz presente em todas as classificações de suas poesias

Entretanto, o nome de Gregório de Matos, o “Boca do Inferno”, é frequentemente associado à imagem de poeta maldito, profanador, herege, zombador, crítico ferrenho da Igreja Católica e dos cristãos de sua época. Por esse fato, percebe-se que ainda é pouco conhecido que Gregório de Matos, já perto do fim de sua vida, escreveu poemas religiosos, nos quais temas como perdão dos pecados, amor, misericórdia, fé, graça, paz e salvação se faziam presentes. São verdadeiras orações em forma de poemas; neles, o eu-lírico expressa seu arrependimento de uma vida transgressora e busca a salvação divina, talvez sendo inspirado pela própria vida do poeta, segundo alguns estudiosos. O leitor que acessasse tais textos sem saber de sua autoria, poderia muito bem atribuí-los ao Pe. Antonio Vieira ou, talvez, ao Pe. José de Anchieta, porém, jamais ao “Boca do Inferno”.

A pesquisa dedica-se justamente à leitura e interpretação de poemas selecionados dessa fase da obra de Matos, especificamente quatro poemas: A Nosso Senhor Jesus Cristo com Atos de Arrependimento e Suspiros de Amor, A Nosso Senhor Jesus Cristo, Buscando a Cristo e A Cristo Nosso Senhor Crucificado. Objetivamos contribuir para o aprofundamento dos estudos da poesia religiosa de Gregório de Matos, bem como investigar as marcas da teologia cristã presentes na literatura barroca no Brasil. Cremos que unir dois temas tão relevantes culmine em um enriquecimento para os estudos literários.

A leitura ocorrerá mediante a perspectiva da doutrina bíblica da salvação da humanidade em Jesus Cristo. Tal escolha baseia-se na hipótese de pesquisa, a qual relaciona as características presentes nessa doutrina em relação ao eu-lírico de Matos que, ao construir tais poemas, aproxima-se do que a Bíblia

Sagrada ensina a respeito das marcas visíveis do cristão que encontra a Graça de Deus e caminha rumo à sua salvação.

No intento de identificarmos tais marcas nos poemas religiosos de Gregório de Matos que compõem o *corpus* dessa pesquisa, valemo-nos do auxílio das obras *Teologia Sistemática* (1999) de Wayne Grudem e *Teologia Sistemática* (2015) de Millard J. Erickson. Esses dois teólogos contemporâneos, ambos autores de teologia sistemática, elencam em suas obras alguns pontos em comum por meio do qual vivenciam todos os seres humanos que trilham essa “Trajetória da Salvação”, propiciada pelo plano de Deus em remir os homens de seus pecados através da morte vicária e da ressurreição de Jesus Cristo, relatada na Bíblia Sagrada. Esses pontos, pensados por Grudem e Erickson, com pequenas variações entre eles, são sete. Contudo, a fim de não nos estendermos demasiadamente, resumimos esses sete pontos em quatro, que serão apontados nos poemas. São eles: reconhecimento do homem como condição de pecador diante de Deus e arrependimento de seus pecados; confissão e transformação de vida; dependência de Deus e confiança na salvação ao fim de sua vida.

No que concerne ao referencial teórico da obra gregoriana, enunciamos aqui as que contribuíram para a obtenção do objetivo proposto.

Algumas obras a respeito da teoria poética auxiliaram na construção das análises dos poemas de Gregório de Matos. Dentre elas, destaco os livros *O ser e o tempo da poesia* (1993), do Professor Alfredo Bosi, e *O arco e a lira* (1982) de Octavio Paz. No que concerne à estrutura dos poemas, como as rimas e as métricas, auxiliamo-nos da obra *Os metros do Boca*, de Rogério Chociay, um dos principais estudiosos da teoria do verso nos poemas gregorianos.

A obra poética de Gregório de Matos foi reunida por seguidores do poeta, seguida pelos estudiosos e dividida em códices. Há um grande debate, até os dias atuais, acerca da autoria dos seus poemas. Desta maneira, para evitarmos surpresas a respeito de plágio ou cópia, valemo-nos do uso de dois códices mais respeitados e aceitos no âmbito acadêmico, que nos concede um maior rigor científico sobre a autoria desses poemas. São eles o códice Asencio-Cunha (2014), compilado e reunido em cinco volumes pelos Professores João Adolfo Hansen e Marcello Moreira; e o compilado em dois volumes *Obras Poéticas*

(1990), de James Amado. Além desses, a obra *Gregório de Matos: O Boca de Brasa* (1985), do Professor João Carlos Teixeira Gomes, apresenta um estudo rigoroso a respeito das criações de Gregório de Matos e também foi levada em conta na construção dessa pesquisa.

Para uma melhor compreensão do contexto histórico, social e cultural em que Gregório de Matos estava inserido, além de consequentemente a contribuição e as marcas das suas poesias na formação literária colonial brasileira, valemo-nos de relevantes obras como *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII* (2004), de João Adolfo Hansen; *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: O caso Gregório de Matos* (2011), de Haroldo de Campos; *História concisa da literatura brasileira* (2006), de Alfredo Bosi; *Presença da literatura brasileira: das origens ao realismo* (1991), de Antonio Candido e José Aderaldo Castello; *Curso de literatura nacional* (1978), de Cônego Fernandes Pinheiro; *Manifestações literárias do período colonial* (1981), de José Aderaldo Castello, e *Gregório de Matos* (1972), de Maria de Lourdes Teixeira.

A fim de tratarmos a respeito das questões de cunho teológico, as obras que compõem nossa pesquisa são: *Bíblia Sagrada NVI* (2003), *As obras de Armínio* (2015); *Confissões* (2017), de Santo Agostinho, *Teologia Sistemática* (1994) de Wayne Grudem; *Teologia Sistemática* (2015), *Catecismo da Igreja Católica* (2002); *Pilares da Graça* (2013), de Steven Lawson; *Quaestiones disputatae de virtutibus* (1953), de Tomás de Aquino; *Confissão de fé de Westminster* (2016), além de entrevistas com o Dr. Augustus Nicodemus Lopes e Rev. Hernandes Dias Lopes disponíveis no Youtube. Apesar de não aparecerem citadas diretamente, outras obras foram fundamentais na construção do raciocínio teológico dessa pesquisa. São elas: *História dos Hebreus* (1997), do historiador judeu Flavio Josefo; *A cristologia do novo testamento* (2003), e *Cristo e o tempo* (2003), ambos do teólogo francês Oscar Cullmann; *Apologética Contemporânea* (2012), do PhD William Lane Craig; *Manual de exegese bíblica: Antigo e Novo Testamentos* (2008), de Douglas Stuart e Gordon D. Fee e *Princípios de interpretação bíblica* (2018), de Louis Berkhof.

Alguns artigos, teses e dissertações também foram essenciais no auxílio da elaboração da pesquisa. A dissertação “Deus e o Diabo na poesia de Gregório de Matos” (2011), de Ciro Soares dos Santos da UFRN contribuiu para uma melhor compreensão da temática do Sagrado e Profano na vida e obra de Gregório de Matos. A tese “Gregório de Matos: Do barroco à Antropofagia” (2013), de Samuel Anderson de Oliveira Lima da UFRN, demonstra que Gregório era “devorador” assíduo de outras culturas e como tal fato influenciou na identidade cultural e literária do Brasil-Colônia. No que concerne à temática da salvação segundo o cristianismo, a dissertação “Perspectiva Cristã de Salvação frente ao pluralismo religioso” (2000), de Erno Junges, da PUC-RS, contribuiu para uma melhor compreensão desse importante dogma da cristandade e temática central da nossa pesquisa.

Por fim, a respeito das questões do Sagrado e do Profano na religião, temática essa também constante nos poemas gregorianos, valemo-nos da obra *O Sagrado e o Profano* (1992), do sociólogo Mircea Eliade.

É importante ressaltar, antes de apresentarmos a divisão da pesquisa, que, apesar de muitos teóricos afirmarem o caráter autobiográfico na obra de Gregório de Matos, este não é o foco. Ainda que seja possível que se estabeleça relações entre o eu-lírico e o próprio autor Gregório de Matos, reflete a trajetória da poesia, e não do homem em si.

A pesquisa, portanto, divide-se deste modo: o primeiro capítulo apresenta brevemente o período literário barroco, sua definição, seu contexto histórico e suas características. Em seguida abordamos Gregório de Matos e sua biografia. Introduzimos também o leitor aos poemas satíricos, a fim de traçar um paralelo com os poemas religiosos do capítulo terceiro e, assim demonstrar a ponte entre o Profano e o Sagrado na vida de Gregório e, conseqüentemente, na sua obra poética.

No segundo capítulo, a doutrina da salvação da humanidade através de Jesus Cristo é apresentada à luz da Bíblia Sagrada e de toda a tradição cristã. Em seguida, valendo-nos nas obras de teologia sistemática, bem como nos exemplos de alguns personagens bíblicos, apresentamos as quatro etapas elaboradas percorridas pela “trajetória da salvação”.

O terceiro e último capítulo analisa a trajetória do eu-lírico dos quatro poemas de Gregório de Matos, um para cada etapa da “trajetória da salvação” a fim de verificar a hipótese levantada pela pesquisa. Os poemas de Gregório de Matos, tanto em sua estrutura quanto na temática, são analisados à luz da Bíblia Sagrada e da teoria poética.

Após concluídas tais etapas, poderemos discutir enfim acerca da pergunta da pesquisa: existem evidências que apontam para uma semelhança entre o eu-lírico dos poemas gregorianos analisados e o ser-humano que trilha o “caminho da salvação” à luz da Bíblia Sagrada? Através dos resultados, objetivamos também contribuir para o enriquecimento dos estudos literários decorrentes da união entre a teologia e a literatura nacional.

Capítulo 1

Apontamentos sobre o Barroco

O Barroco foi um movimento cultural e artístico, que se desenvolveu a partir do século XVII até meados do século XVIII, tendo seu início na Itália e, em seguida, sendo propagado por outros países europeus. Ele surgiu em contraposição à crise do Renascimento (séculos XV e XVI), no sentido de pôr do avesso a ordem, a proporção e a economia de detalhes que esse movimento buscava para exaltar a desproporção, a irregularidade, o exagero de informação estética; nos termos de Heinrich Wölfflin: tamanho, abundância, vivacidade. É a música de Bach, a pintura de Rubens, a arquitetura de Della Porta e a literatura de Calderón de la Barca, Quevedo e Gôngora, esses últimos com forte intertextualidade com a obra de Gregório Matos.

Este foi um dos períodos mais conflituosos para o espírito humano. Tais razões para se afirmar isso estão na profunda crise religiosa que irrompeu no início do século XVI. Na Europa medieval, o *modus vivendi* do homem era guiado por um teocentrismo exagerado, incentivado pela Igreja Católica, que, além de deter o poderio espiritual absoluto, ainda obtinha o domínio econômico, visto que ainda não havia a separação entre Igreja e Estado. Entretanto, no Renascimento, movimento antecessor ao Barroco, os avanços científicos ganhavam força, e a visão teocêntrica do mundo fora colocada em dúvida:

A nova concepção científica do mundo provinha da descoberta de Copérnico. A teoria de que a Terra se move em volta do Sol, em vez do Universo a mover-se em torno da Terra, como antes se supunha, mudou, para todo o sempre, o velho lugar designado ao homem pela Providência. Agora, a Terra já não podia ser considerada como centro do Universo, nem o Homem podia ser considerado como o fim e propósito da Criação. Mas a teoria de Copérnico não só significava que o Mundo deixara de girar à volta da Terra e do Homem, mas também que já não tinha mesmo qualquer centro e era constituído simplesmente por um número de partes homogêneas e equivalentes, cuja unidade se manifestava exclusivamente na validade universal da lei natural. [...] A par da concepção da lei natural, que não admite exceções, ergueu-se o conceito de uma nova espécie de "necessidade" absolutamente diferente da predestinação teológica. Isto significava, contudo, o minar não só da ideia do arbitrário divino, mas também da ideia da prerrogativa da divina graça do Homem e da sua participação na existência supramundana de Deus. O homem

tornou-se um fator insignificante e sem valor no novo mundo sem mistério (HAUSER, 1982, p. 564 – 565)

O pensamento humanista, portanto, aliado a Ciência, no período que abrangeu os séculos XIV até o início do XVI, foram os primeiros fatores que, ainda muito sutilmente, ousaram contrapor a Igreja romana. Somando-se a isso, a insatisfação da população, o fortalecimento das monarquias e a ascensão da burguesia ameaçaram a soberania da Igreja. Contudo, o ápice da crise religiosa acontece somente com o advento da Reforma Protestante, iniciada em 31 de outubro de 1517, através das 95 teses pregadas pelo monge alemão Martinho Lutero na porta da catedral de Wittenberg. A Igreja Católica Romana teve seus dogmas e práticas contestados por ele, principalmente no que concernia a venda de indulgências. “Assim se chega a este fato essencial da história europeia do século XVI: a crise religiosa. A necessidade de uma reforma espiritual da cristandade era demasiado premente para não ser reconhecida” (TAPIÉ, 1974, p. 56). Há então uma ruptura na igreja cristã que perdura até os dias atuais, e que a dividiu entre católicos e protestantes. De acordo com Victor Tapié, apesar de a Reforma Protestante ter revolucionado o mundo em todas as esferas inimagináveis, as teses escritas por Lutero exigiam somente respostas sobre questões espirituais cruciais a cristandade, que jamais haviam sido contestadas, somente obedecidas cegamente. Lutero não almejava qualquer outra pretensão que não um retorno genuíno às raízes da igreja cristã do primeiro século.

Se é difícil resumir em poucas linhas a crise profunda, em que se misturam tantos interesses contraditórios, é de fato a questão religiosa, a da salvação, que domina tudo e é através dela que se explica tudo. A salvação por meio da fé? Toda a gente está de acordo. Mas as obras terão também nela o seu lugar? A Redenção pelo sacrifício da Cruz e pela repetição desse sacrifício na Eucaristia? Mas a Eucaristia, como entende-la? Há mesmo transubstanciação ou a liberdade de opinião – *in dubiis libertas* – pode ser mantida neste ponto? O pecado original: atinge de fato todos os homens e só o batismo o apaga? O batismo e a Eucaristia, sacramentos essenciais: mas podem considerar-se também sacramentos outros atos da vida religiosa como a confirmação, o matrimônio, a extrema unção, a penitência (e sob que forma de penitência)? [...] O culto dos santos, o culto muito especial reservado à Virgem, deverão ser encorajados, sem medo de prejudicar, por um excesso de honra concedido às criaturas, a homenagem sem igual devida ao Criador? (TAPIÉ, 1974, p. 56-57)

Somando-se a estes fatores, com a recente invenção da imprensa, uma outra proposta do movimento da Reforma Protestante foi traduzir e publicar

Bíblia nos idiomas nacionais, gerando assim possíveis novas interpretações das escrituras sagradas cristãs. Lutero foi um dos primeiros a traduzir a Bíblia para sua língua materna, o alemão. Portanto, todos esses fatos históricos desencadearam ações que abalaram no século XVI os dois pináculos que sustentavam a Igreja Católica na Idade Média (poder econômico e espiritual), que já vinham sendo enfraquecidos desde o Renascimento.

Como em todos os movimentos históricos anteriores, a arte teve um papel fundamental, e foi através dela também que a Igreja Católica, além da criação da Companhia de Jesus, encontrou refúgio para uma reversão do quadro que se instaurava. Tal estratégia com a missão de tentar reaver seu prestígio, ficou conhecida como Contrarreforma, o contra-ataque aos protestantes, que cresciam por toda a Europa.

O mundo católico descobrira que a arte podia servir a religião de um modo que superava a simples tarefa que lhe fora atribuída nos começos da Idade Média – a tarefa de ensinar a Doutrina a pessoas que não sabiam ler. Agora, poderia ajudar a persuadir e converter aqueles que talvez tivessem lido demais. Arquitetos, pintores e escultores foram convocados para transformar igrejas em grandiosas exposições cujo esplendor e visão quase nos cortam a respiração. (GOMBRICH, 2000. p. 305).

Conforme Hauser, ainda que o desejo de reconquistar os fiéis que pudessem sentir-se simpatizados com a rebelião de Lutero, o espírito aristocrático da Igreja manifesta-se por intermédio da arte iconográfica. Ao mesmo tempo que visava criar uma “arte do povo”, limitava o elemento popular à simplicidade de ideias e formas, evitando assim a simplicidade plebeia de expressão. “As sagradas personagens retratadas têm que falar de fé tão insistentemente quanto possível, mas em nenhuma circunstância descer do seu pedestal” (HAUSER, 1982, p. 570-571). Os protestantes, então, iniciam críticas contra a exuberância desmedida das catedrais católicas, ornadas de ouro e pedras preciosas. Contudo, “quanto mais os protestantes pregavam contra a ostentação nas igrejas, mais empenhada a Igreja Romana estava em recrutar o poder do artista (GOMBRICH, 2000, p. 305).

É esta arte, então, motivada por ataques e contra-ataques de ambos os lados da nova cristandade, que fora definida historicamente como barroca.

Compreende-se, portanto, que, devido ao panorama apresentado, desponta-se um período de transição histórica em que o homem se percebe cercado por inúmeras indagações e transformações. A temática da efemeridade da vida começa a mostrar-se presente cada vez mais latente, fazendo com que o lema *carpe diem* de Horácio volte a ser incentivado. Devido à efervescência dessas profundas transformações de ordem social, política, econômica e religiosa na Europa medieval, essa crise no espírito humano é que termina dando forma ao movimento barroco, que não por acaso possui como principais características o dualismo, a fundição de valores contraditórios, o apreço pelas coisas terrenas e a salvação pela fé.

Em vista desse contexto, podemos afirmar que o homem barroco é um homem complexo, que vai produzir uma arte também complexa na literatura, pintura, escultura e outras artes. A própria palavra “barroco”, escolhida para denominar esse período, que significa “pérola irregular, deformada ou imperfeita” (MOISÉS, 2008, p.110), indica uma certa beleza, mas também a sua complexidade. Outro apontamento concernente ao sentimento de conflito espiritual entranhado no medieval do século XVII, se dá principalmente porque ele está “saindo” de um movimento artístico, intelectual e filosófico, que é o Renascimento, e que tem características diametralmente opostas ao que ele está sendo inserido. Nas palavras de Afrânio Coutinho:

O Renascimento caracterizou-se pelo predomínio da linha reta e pura, pela clareza e nitidez de contornos. O Barroco tenta a conciliação, a incorporação, a fusão (o fusionismo é a tendência dominante) do ideal medieval, espiritual, supraterrâneo, com os novos valores que o Renascimento pôs em voga: o humanismo. O gosto das coisas terrenas, as satisfações mundanas e carnisais. A estratégia pertenceu à Contrarreforma, no intuito, consciente ou inconsciente, de combater o moderno espírito absorvendo-o no que tivesse de mais aceitável. Daí nasceu o Barroco, novo estilo de vida, que traduz em suas contradições e distorções o caráter dilemático da época, na arte, filosofia, religião, literatura. (COUTINHO, 2004, p. 15)

No cenário europeu, após desenvolver-se nas artes plásticas, o estilo barroco manifestou-se também na literatura, juntamente com o teatro e a música. Contudo, a este projeto nos interessa somente o barroco literário, que, de acordo com os historiadores, tem início em Portugal com a publicação do poema “A uma ausência”, de Antonio Barbosa Bacelar. Vejamos:

A UMA AUSÊNCIA

Sinto-me sem sentir todo o abrasado

No rigoroso fogo que me alenta

O mal que me consome me sustenta

O bem que entretém me dá cuidado

Ando sem me mover, falo calado

O que mais perto vejo se me ausenta

E o que estou sem ver mais me atormenta

Alegro-me de ver atormentado

Choro no mesmo ponto em que me rio

No mor risco me anima a confiança

Do que menos se espera estou certo

Mas, se de confiado desconfio

É porque, entre os receios da mudança

Ando perdido em mim como em deserto¹

Observemos que o dualismo é explícito nesse poema, onde é apresentado pelas diversas antíteses presentes no texto (bem e mal, andar sem se mover, falar calado, consome e sustenta, chorar e rir). Além disso, o contexto deixa evidente o fato de que o eu-lírico está em extremo conflito consigo mesmo, outra característica fundamental do barroco.

¹ O poema está presente no livro "A literatura através dos textos", de Massaud Moisés, às páginas 191-192

Nas palavras dos professores Antonio Candido e José Aderaldo Castello, o barroco literário pode assim se definir:

Na sua ânsia de valorização da experiência humana, acentuando os seus estados contraditórios, da exaltação dos sentidos à reflexão, a essência da temática barroca se encontra na grande antítese entre vida e morte. Daí deriva o sentimento da brevidade enganosa da vida, da transitoriedade dos predicados físicos da natureza humana, da fugacidade das coisas. Voltando-se então para a morte, o homem barroco ou assume uma atitude estóica, ou adota um comportamento epicurista, o *carpe diem*, o gozar da mocidade, aproveitar o momento presente livre de outros compromissos. [...] Foi, sem dúvida alguma, um período de reelaborações e de efervescência fecunda, levadas ao virtuosismo e que se reverteram em benefício do enriquecimento da linguagem literária, dos seus processos técnicos e expressivos, e da abordagem de uma temática mais substancialmente humana do que a anterior, de maneira a abrir perspectivas novas em proveito dos estilos posteriores. (CANDIDO e CASTELLO, 1991, p. 16-17)

Vejamos, pois, que o homem barroco estava cercado pelo dualismo e procurava expressar por meio de sua arte temas como vida e morte, fé e razão, pecado e perdão, sagrado e profano, corpo e alma, dentre outros temas. Na poesia, por exemplo, as figuras de linguagem mais utilizadas pelos escritores eram a antítese e o paradoxo, justamente porque trabalham com ideias opostas, fortalecendo a dualidade do espírito barroco. Até mesmo os dois principais estilos literários do período barroco são dualistas. O cultismo, que ficou conhecido como “jogo de palavras” e o conceptismo, como “jogo de ideias”.

O primeiro (Cultismo) repousa sobretudo no som e na forma, tendendo para uma verdadeira exaltação sensorial, enquanto favorece a fantasia na busca de imagens e sensações que ultrapassam as sugestões da realidade. O segundo (Conceptismo) apoia-se no significado da palavra, tendendo para o abusivo jogo de vocábulos e de raciocínio, para as agudezas ou sutilezas de pensamento, com transições bruscas ou associações inesperadas, além de seu misticismo ideológico. (CANDIDO e CASTELLO, 1991, p. 13-14).

A prosa e a poesia são os gêneros predominantes da literatura barroca. Na primeira, acentua-se o caráter conceptista, enquanto que na segunda, predomina-se o cultista. No cenário europeu, a literatura barroca se destaca em Portugal através de nomes como Pe. Antonio Vieira (que também se destacou no Brasil, como veremos mais adiante) com sua prosa conceptista, escrevendo os seus famosos sermões e também suas cartas; Francisco Manuel de Melo, que se destacou na poesia por sua métrica, na prosa com suas cartas de caráter

moralista, e no teatro; Pe. Manuel Bernardes, com a prosa religiosa e Francisco Rodrigues Lobo na poesia e prosa.

1.1 A literatura barroca no Brasil

As manifestações artísticas barrocas atingiam seu auge no século XVI na Europa, mesmo período histórico em que as grandes navegações das potências europeias partiam em descoberta de novas terras a serem exploradas. Desta forma, as colônias acabavam por também manifestar características culturais dos países colonizadores.

No Brasil, após o fim do quinhentismo, como ficou conhecida a primeira manifestação literária, as características do barroco europeu começam a se manifestar através da literatura dos jesuítas que aqui chegaram.

[...] buscava servir (a literatura de missão) o ideal religioso e pedagógico da catequese. Procurava infundir nos espíritos uma concepção lúgubre e pessimista quanto à vida terrena, mera transição para a eternidade; o sentimento da vaidade e inanidade da vida, do contraste entre a luz (celestial) e a escuridão (terrestre), entre a grandeza e a humildade, o espírito e a carne, a salvação e a danação; a noção da presença da morte e do inferno, da desilusão (desengano) e horror das coisas terrenas, do poder destruidor do pecado, expresso pela corrupção física, da transitoriedade do tempo, fluindo impecavelmente diante do susto do homem, que tem nisso a impressão da própria incapacidade de deter a marcha para a decadência e a dissolução. O medo impera nessa literatura, medo da morte, da decadência, do inferno, da passagem do tempo, ao contrário da alegria e prazer de viver, do gosto da ação e do mundo, da claridade renascentista. Arte mais para os sentidos do que para a inteligência, era pelos sentidos e pela imaginação, e não pela razão, que o Barroco conquistava o homem. (COUTINHO, 2004, p. 30-31)

É muito comum também a afirmação de historiadores de que o barroco literário brasileiro tem seu marco inicial com a publicação do poema “Prosopopeia”, do poeta luso-brasileiro Bento Teixeira. Trata-se de um pequeno poema épico de 94 estrofes nas quais o autor louva Jorge de Albuquerque Coelho, segundo donatário da capitania de Pernambuco, no período do Brasil-Colônia.

Contudo, independentemente de como surgira, uma ponderação faz-se necessária. Devido à sua condição de colônia portuguesa e país recém descoberto, além das condições precárias dos meios de registro e divulgação da cultura (não havia imprensa no Brasil), desautoriza pensarmos em uma escola barroca brasileira, ou uma formação de uma consciência literária. A vida social no país era organizada em função de pequenos núcleos econômicos, não existindo efetivamente um público leitor para as obras, o que só viria a ocorrer no século XIX. No entanto, a pouca adesão (Gregório e Vieira) foi suficiente para marcar a literatura brasileira. Corroborando o pensamento de Moisés, os professores Antônio Candido e José Aderaldo Castello também afirmam:

O exemplo do século XVI, onde de fato podemos encontrar as sugestões mais fecundas para a caracterização de nossa criação literária, no sentido de que as suas escassas realizações se impunham muito mais como um esforço de adaptação e de adequação do que de simples transposição, foi parcialmente esquecido pelo que se segue, do século XVII ao XVIII, não obstante reconhecermos nesse espaço de tempo a existência mais bem definida do fato literário. Mas o que ocorre, como expressão de criação literária, é imitação ou transposição, ressaltada parcialmente pelo sentimento nativista ou

pela lenta definição de uma consciência crítica. É o caso do barroco. Devemos entendê-lo, portanto, a partir da sua conceituação europeia (CANDIDO E CASTELLO, 1991, p.13)

Para compreendermos, portanto, as influências europeias que marcaram a literatura nacional, devemos perceber primeiramente que o barroco não foi uniforme em sua distribuição geográfica, adquirindo faces diversas em vários países. Na Itália, com a poesia de Giambattista Marino, teremos o Marinismo e o Seiscentismo. Na Inglaterra, o Eufuísmo, nome derivado da novela de John Lyly, *Euphues*, de 1578), na Alemanha, por causa da poesia de Silesius, fala-se em Silesianismo, na França em Preciosismo (devido ao estilo rebuscado) e em Portugal e Espanha, em Conceptismo e Cultismo. Ambos com grande influência no Brasil. O primeiro representado pelo espanhol Quevedo, e o segundo pelo também espanhol Gôngora (sendo Gongorismo sinônimo para Cultismo). Numa visão restrita, mas que pode ajudar na construção de um panorama como este, Gregório de Matos estaria mais próximo do Cultismo de Gôngora, com um estilo marcado pelo preciosismo e uso marcante de metáforas sensórias, figuras de oposição e de sintaxe, enquanto que Padre Vieira se alinharia mais ao Conceitismo de Quevedo, caracterizado pela presença da retórica escolástica, figuras de raciocínio lógico, como o silogismo. Isso em linhas gerais e marcantes, pois há influência de Quevedo em Gregório.

Retornando ao âmbito nacional, é unânime entre os críticos da literários que Padre Antonio Vieira e Gregório de Matos são os dois principais nomes do barroco no Brasil. O primeiro destacou-se através de sua prosa conceptista, e escreveu sermões e cartas de cunho religioso. Vieira foi um retrato perfeito da influência católica no movimento barroco. Toda sua obra aponta para um “militante incansável, com desejos de projetos grandiosos, quase sempre quiméricos, mas todos nascidos da utopia contrarreformista de uma Igreja Triunfante na Terra, e do estabelecimento de um império luso e católico” (BOSI, 2006, p.44). Seu sermão mais conhecido, o *Sermão da Sexagésima* explicita bem tais características, além de ser um texto fundamental para o estudo da prosa barroca.

O segundo autor, Gregório de Matos Guerra, e a sua poesia, que são os focos dessa pesquisa, serão analisados a partir desse momento, depois de contextualizarmos o período barroco, do qual estão inseridos.

1.2 Gregório de Matos: Do Profano ao Sagrado

Gregório de Matos Guerra nasceu em 1636 em Salvador, Bahia. Pertencia à uma família abastada, filho de Gregório de Matos, um fidalgo português e Maria da Guerra, uma respeitável matrona. Formou-se em Direito na cidade de Coimbra. Em Portugal, exerceu os cargos de curador de órfãos e de juiz criminal. Retornou ao Brasil com 47 anos e exerceu os cargos de tesoureiro-mor e de vigário geral, concedido pelo Arcebispo Dom Gaspar Barata, porém, foi deposto por não querer completar as ordens eclesiásticas. Conheceu a viúva Maria de Povos e passou a viver com ela uma vida de esbanjas e desperdícios, até encontrar-se na miséria. Era um autêntico boêmio, aborrecido, e a todos satirizava mordazmente. Quando vivia em Portugal, já havia escrito alguns poemas, entretanto, foi no Brasil que suas obras ficaram mais conhecidas e

alçaram seu nome na história da literatura. Sua capacidade de satirizar pessoas e situações resultaram com que Gregório de Matos Guerra fosse odiado e perseguido. Foi degredado para Angola pelo então Governador da Bahia, D. João de Alencastre, para protegê-lo de um sobrinho do seu antecessor Antônio Luís da Câmara Coutinho, que ambicionava vingar-se de Gregório por críticas feitas ao seu tio. Mais tarde, voltou novamente ao Brasil, onde estabeleceu-se em Pernambuco até a sua morte em 1695.

A poesia de Gregório de Matos divide-se em três categorias: lírica, satírica e religiosa. E é mais precisamente através da satírica que o poeta recebeu a alcunha de “Boca do Inferno”. Gregório sempre foi católico, contudo, talvez influenciado pelos ares de mudança e de confronto ao clero causados pela Reforma Protestante, a Igreja Romana foi justamente quem mais sofreu com a crítica ferrenha de Gregório. Em seus poemas satíricos, não faltaram insultos a padres, freiras, arcebispos e nem mesmo o Papa fora poupado. Mas, ironicamente, o nominado “Poeta Maldito” e “Boca do Inferno”, no fim de sua vida, escreveu belíssimos poemas em homenagem a Jesus Cristo, além de outros acerca de temáticas admiráveis como arrependimento, pecado, perdão, graça, fé, salvação. A dualidade típica do homem barroco então se faz presente mais uma vez. Como é possível que, da mesma boca maldita, provenha palavras santas?.

A efeito de comparação com os poemas religiosos de Gregório que o leitor encontrará no terceiro capítulo, convidamos a ler o seguinte poema:

NECESSIDADES FORÇOSAS DA NATUREZA HUMANA

Descarto-me da tronga, que me chupa,
Corro por um conchego todo o mapa,
O ar da feia me arrebatá a capa,
O gadanho da limpa até a garupa.

Busco uma freira, que me desentupa
A via, que o desuso às vezes tapa,

Topo-a, topando-a todo o bolo rapa,
Que as cartas lhe dão sempre com chalupa.

Que hei de fazer, se sou de boa cepa,
E na hora de ver repleta a tripa,
Darei por quem mo vase toda Europa?

Amigo, quem se alimpa da carepa,
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa,
Ou faz da mão sua cachopa.²

Aqui, por exemplo, Gregorio faz referências claras a sexo com prostituta, bem como sexo oral com uma freira, atitude abominável perante a doutrina da Igreja Católica e condenada pela Bíblia (1 Coríntios 6:18). Não satisfeito, finda o poema com uma cena de masturbação.

O trecho a seguir faz parte de um outro poema seu chamado “Anjo Bento”:

“Deus me guarde!

Do que passeia farfante,

Muito prezado de amante,

Por fora luvas, galões,

Insígnias, armas, bastões,

Por dentro pão bolorento:

² O poema está presente no livro “A sátira e o Engenho”, de João Adolfo Hansen, à página 436

Anjo Bento!

Destes beatos fingidos,

Cabisbaixos, encolhidos,

Por dentro fatais maganos

Sendo nas caras uns Janos:

Que fazem do vício um alarde

Deus me guarde!”³

Neste, Gregório critica a falsa moral da Igreja Católica e dos membros do clero. O Anjo Bento é um membro da Igreja, que exterioriza santidade, contudo se mostra hipócrita e falso. Em muitos dos seus poemas satíricos, além das atitudes julgadoras, encontramos utilização de palavrões, cenas obscenas e pornográficas. Gregório jamais se importou com as consequências das suas críticas e “sempre pareceu rancoroso e desejou que o mundo ardesse em chamas diversas vezes” (SPINA, 1995,p. 59).

Outro poema, muito famoso entre os pertencentes à temática satírica, parece demonstrar o prazer diabólico que Gregório sentia em provocar humilhação em alguém através de sua habilidade com as palavras, além de, novamente, para obter o feito, valer-se de uma linguagem obscena.

PICA-FLOR

Se Pica-Flor me chamais,

Pica-Flor aceito ser,

Mas resta agora saber,

³ O trecho citado do poema “Anjo Bento” está presente no livro “Curso de Literatura Nacional”, de Cônego Fernandes Pinheiro, às páginas 183-184

Se no nome que me dais,
Metei a flor que guardais
No passarinho melhor!
Se me dais este favor,
Sendo só de mim o Pica,
E o mais vosso, claro fica,
Que fico então Pica-Flor.⁴

Essa foi a resposta que ele escolheu dar a uma freira, que lhe chamara de “Pica-Flor”, ou, como costumamos conhecer, “Beija-Flor”, devido a sua aparência demasiada magra. Novamente, então, optou por escrever sobre sexo com freira, além de elaborar um jogo de palavras a fim de acentuar a obscenidade, quando fica evidente que a palavra “pica” se refere a seu órgão genital, enquanto “flor” se refere ao órgão genital da freira.

Antes de adentrarmos a fase religiosa de Gregório, na qual o leitor perceberá diferenças abismais em relação aos poemas satíricos recém lidos, vale recordarmos antes de que a maioria das linhas de forças do barroco que influenciam Gregório e que são visíveis por toda a sua obra são, especialmente, provenientes de Quevedo e Gôngora: robustez sonora e visual conseguida por meio de metáforas, alegorias e hipérboles, de figuras de sintaxe, como o hipérbato, e de lógica, como o paradoxo e a antítese. As figuras de oposição acentuam o caráter dual do barroco com seu objetivo inalcançável de alinhar os ideais religiosos da Idade Média com os princípios profanos e antropocêntricos da Renascença. Diga-se que tal “dualidade” atravessa a poesia de Gregório que vai do lirismo ao escatológico, do religioso à sátira mordaz contra o clero.

Nesse encadeamento de ideias, vale lembrar que Gregório de Matos com sua poesia deu feição brasileira ao barroco (daí sua importância em nosso cânone), ao evidenciar na temática e no léxico a miscigenação brasileira, com uso de termos de origem tupi e africana, e por redesenhar de modo autêntico certos aspectos do Barroco, um deles é obsessão deste movimento pelo feio e

⁴ O poema está presente no livro “Poesia e Protesto em Gregório de Matos”, de Fritz Teixeira de Salles, à página 105

o sórdido (do ponto de vista da Renascença). Se na Europa esse traço do Barroco se dá prioritariamente no âmbito do drama, da crueldade, da dor, do terror. No Brasil, em Gregório, teremos o riso, a esculhambação, o erótico escatológico decalcando personalidades, personagens e caricaturas que só poderiam se realizar plenamente no Brasil. Entre eles destacam-se os alvos preferidos de Gregório, a mulata e os filhos de português com índias, ou seja, “os mestiços”.

Acerca da obra poética gregoriana, o Professor Afrânio Coutinho assim a define:

Pela temática e pela técnica estilística, a obra de Gregório enquadra-se no Barroquismo. Sua alma era dominada pelo dualismo barroco: mistura de religiosidade e sensualismo, de misticismo e erotismo, de valores terrenos e carnis e de aspirações espirituais. É bem um exemplo da alma barroca, com sua situação polar, seu estado de conflito e de contradição espiritual. Na sua poesia, como em toda poesia barroca, juntam-se o sensual e o religioso, a mística e a licenciosidade, o jovial e o ridículo, o grave e o satírico, o profano e o sagrado, o mundo e o Céu, a carne e o espírito, o fogo do amor místico, a consciência do pecado, a noção da penitência, tudo isso expresso numa imagística de cunho sensitivo e numa constelação de figuras e artifícios – ecos, assonâncias, antíteses, paradoxos, oximoros – típicos do Barroquismo. (COUTINHO, 2004, p. 31).

A investigação de como ocorre, então, uma mudança tão evidente na temática, antes obscena, sórdida, imoral e libertina, para poemas de um eu-lírico cristão, fiel, amoroso, que deposita todos os aspectos da sua vida nos cuidados divinais, primeiramente nos leva obviamente à dualidade típica do barroco. Inicialmente, a fase satírica da poética gregoriana, com temáticas repletas de conteúdos como palavrões, pornografia, maledicências, sexo explícito e profanidades, pode causar ao leitor mais conservador, algum incômodo. Contudo, parafraseando João Adolfo Hansen, um dos maiores estudiosos de Gregório, “devemos nos lembrar que a palavra “cão” não morde, e que ela não é a coisa em si”.⁵ Não devemos temer a linguagem. Além disso, nesse projeto, tal paralelo faz-se essencial para identificarmos essa transição do homem do profano para o sagrado, que compõe a doutrina da salvação cristã, de acordo com a Bíblia Sagrada.

⁵ Fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KcaabEZBG9E>

O estudo da soteriologia bíblica, ou seja, a doutrina da salvação da humanidade através da morte vicária de Jesus Cristo, aponta para uma trajetória em que é possível de ser trilhada pelo ser humano em busca da salvação eterna da alma. Essa trajetória possibilita com que o ser humano, que é alcançado pela Graça de Deus e que crê em Jesus Cristo como o Filho de Deus enviado para trazer a salvação à humanidade, percorra um caminho que parte do reconhecimento de si mesmo como pecador e da necessidade de transformação de vida, até o momento da possível concretização da sua salvação. Da transformação de uma vida profana para uma sagrada.

Assim sendo, nossa pesquisa tenciona demonstrar que é possível estabelecer relações entre a trajetória percorrida pelo eu-lírico de quatro poemas religiosos de Gregório de Matos (A Nosso Senhor Jesus Cristo com Atos de Arrependimento e Suspiros de Amor, A Nosso Senhor Jesus Cristo, Buscando a Cristo e A Cristo Nosso Senhor Crucificado) e o que chamamos de “Trajetória da Salvação”, que pode ser verificada através da Bíblia Sagrada e de estudos teológicos pertencentes ao ramo da soteriologia.

Ainda que a intenção da pesquisa não seja estabelecer suposições de que a trajetória apresentada pelo eu-lírico dos poemas gregorianos já citados possua um cunho autobiográfico, ou seja, de que esse eu-lírico seja o próprio Gregório de Matos relatando acerca de sua auto experiência de uma conversão real ao cristianismo, é interessante demonstrar que essa linha de pensamento é possível e crida por alguns estudiosos, como é o caso da Professora Maria de Lourdes Teixeira:

[...] Na realidade ele (Gregório) se tortura de escrúpulos e trabalha intimamente, dia e noite, para conseguir de Deus o perdão dos seus pecados, para isso se valendo inclusive do próprio estro, tão certo é que a poesia é a sua expressão mais autêntica e natural, a sua linguagem, a sua própria voz. Por meio dela tenta aliciar a boa vontade divina a favor de sua atemorizada alma. Pois, atormentado pelo pavor da morte e do castigo eterno, o seu maior anseio é a paz de espírito, a certeza da salvação. (TEIXEIRA, 1972, p. 121)

As palavras de Teixeira demonstram mais uma vez a permanente inconstância e inquietação do homem barroco. A autora também sugere em seu livro, *Gregório de Matos – Biografia e Estudo*, que Gregório frustrava-se diversas

vezes com a inconstância da sua vida, pois deleitava-se nos prazeres carnavais, mas logo depois expressava um sentimento de arrependimento mediante a Deus, pois sua educação católica ensinava que tratava-se de atos pecaminosos. Não obstante a sua aflição no que concerne a seus atos influenciados pelas questões morais ou religiosas, ele também manifestava indagações acerca de aspectos do cotidiano ou da natureza, como, por exemplo, em outro famoso soneto seu:

A INCONSTÂNCIA DOS BENS DO MUNDO

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas e alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falta a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se a tristeza,

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza.
A firmeza somente na inconstância.⁶

A despeito do poema tratar de belas paisagens da natureza, o poeta, movido por suas inquietações, apenas consegue se ater à inconstância de todas

⁶ O poema está presente na coletânea “Gregório de Matos – Obra Poética”, de James Amado, à página 752

as coisas, angustiando-se por não saber como obter tais respostas. Ele apresenta uma melancolia que reforça a efemeridade das coisas belas encontradas na vida.

Retornando a questão da dualidade profano/sagrado, nos capítulos posteriores dessa pesquisa, o leitor verá uma maior ênfase na questão do sagrado. É mister apresentarmos antes, então, o que alguns pensadores teorizaram a respeito do profano na literatura e na poesia de Gregório de Matos.

De maneira semelhante, o crítico literário canadense Northrop Frye, na sua obra *Anatomia da Crítica* (1973) defende que “a essência da cultura imaginativa deve transcender os limites tanto do naturalmente possível como do moralmente aceitável” (FRYE, 1973, p. 128). E continua:

[...] as religiões, a despeito de sua generosa perspectiva, não podem, como instituições sociais, conter uma arte de hipótese ilimitada. As artes, por seu turno, não podem deixar de soltar os poderosos ácidos da sátira, do realismo, da obscenidade e da sua fantasia na tentativa de dissolver todas as concreções existenciais que encontra em seu caminho (FRYE, 1973, p. 128).

O filósofo, professor, e cientista das religiões Mircea Eliade, teoriza a respeito do conceito de sagrado/profano na história da humanidade em sua obra *O Sagrado e o Profano* (1992). Ele afirma que desde as mais primitivas sociedades, o homem tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados, pois o sagrado sempre esteve saturado da potência de ser, de uma realidade por excelência. Ao desejar saturar-se de poder e dessa potência de ser, a tendência natural é almejar afastar-se do profano e apegar-se ao que é sagrado.

Ao tratar do aspecto religioso da questão, ele afirma que para uma melhor compreensão, devemos imaginar o sagrado e o profano como espaços. O espaço do sagrado possui um ponto fixo, um norte, “possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica” (p. 18). O espaço profano, contudo, consiste na relatividade desse espaço. Não há uma orientação real, porque o “ponto fixo” já não goza de um estatuto ontológico único, diferente do que acontece no espaço sagrado. No espaço profano, somente existem fragmentos de um universo, uma massa amorfa de uma infinidade de lugares. Sendo assim,

naturalmente, o homem sempre vai tentar sair desse espaço profano em busca do sagrado, ainda que ele não se atente a respeito.

Existe então, além de um limiar que separa esses dois espaços em seus conceitos, uma separação física, representada pelos templos religiosos:

No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. Nos níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes imagens de uma abertura: lá no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode simbolicamente subir ao Céu. [...] A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. (ELIADE, 1992, p. 19).

Compreender, portanto, o movimento barroco, a sua característica dualista e a biografia e bibliografia de Gregório de Matos é imprescindível para se pretender atingir o objetivo proposto pela pesquisa. Enfatizamos, nesse primeiro momento, o aspecto satírico e profano das obras de Gregório de Matos. No próximo capítulo, navegaremos pelas águas da teologia, com o objetivo de estabelecer a conexão com a poesia sagrada e analisarmos a “Trajetória da Salvação”. Conhece-se muito o Boca do Inferno, o maldizente, o profanador Gregório, entretanto, ainda pouco se estuda no ambiente acadêmico brasileiro o lado cristão de Gregório de Matos. Enquanto muitos se lembram de Gregório apenas por sua alcunha amaldiçoada e sem que se apercebam, remetem-no sempre a algo negativo, objetivamos trilhar o caminho oposto.

Capítulo 2

A teologia sistemática e a soteriologia bíblica

A teologia - do grego *theos* (Deus, divindade) e *logos* (*palavra, estudo*) - é um campo de estudo da natureza divina e de seus atributos em relação ao homem. É estudada desde a época dos pré-socráticos. Apesar de poder relacionar-se a qualquer religião, desde a Idade Média ela é mais associada ao cristianismo, crença com o maior número de adeptos no mundo⁷. Assim, como em qualquer outro campo de estudo, a teologia possui diversas áreas. Visando o objetivo proposto pela pesquisa, faz-se necessário valer-nos do uso da teologia sistemática e de uma de suas ramificações, que se trata da soteriologia. Para isso, serão utilizadas como aporte as obras de dois importantes teólogos contemporâneos. São elas: *Teologia Sistemática* (1999) de Wayne Grudem e *Teologia Sistemática* (2015) de Millard J. Erickson.

Grudem define a teologia sistemática como “qualquer estudo que responda à pergunta: “o que a Bíblia como um todo nos ensina hoje?” acerca de qualquer tópico” e ainda completa: “A teologia sistemática envolve compilar e entender todas as passagens relevantes da Bíblia sobre vários tópicos e então sintetizar claramente o seu ensino de tal modo que saibamos em que crer acerca

⁷ De acordo com o levantamento mais recente realizado em 2012 pela The World Factbook, publicação da CIA (Central Intelligence Agency) dos EUA, o cristianismo é a religião com o maior número de adeptos no mundo (28%)

de cada tema” (GRUDEM, 1999. p. 1). Dentro de toda essa sistematização é que encontraremos o estudo da soteriologia.

A soteriologia - dos termos gregos *soterios*, (salvação) e *logos* (palavra ou estudo) é a doutrina responsável a estudar o plano de salvação de Deus em relação a humanidade através da morte sacrificial de Jesus Cristo e de Sua ressurreição. Tal doutrina é mais evidenciada e enfatizada na narrativa bíblica no Novo Testamento⁸. Entretanto, é necessário revisitarmos a história do povo judeu, narrada no Antigo Testamento, para compreender o sentido da necessidade do sacrifício de Jesus Cristo em prol da humanidade, assim como para atingir o objetivo proposto por esta pesquisa, qual seja, verificar a presença e analisar o percurso humano do seu estado profano até o momento da salvação de sua alma, presente nos poemas religiosos de Gregório de Matos.

De acordo com a narrativa bíblica, a descendência de Jacó, um dos patriarcas do livro sagrado, dera origem ao povo judeu. Jacó recebera uma promessa vinda diretamente de Deus, que dizia que faria dele e de sua descendência uma grande nação. Além disso, Deus alterou seu nome de Jacó para Israel (Gênesis 35: 10-11⁹), devido a essa razão também se dá o mesmo nome ao atual país do oriente médio. Israel tivera doze filhos homens e uma filha mulher. Antes de morrer, chamara cada um dos seus doze filhos homens, os abençoara e lançara uma profecia sobre cada um, a qual afirmava que eles iriam se dividir em tribos e cada um iria morar em um lugar diferente. (Gênesis 49). Sendo assim, após a morte de Israel, seus filhos se separaram, fundaram e lideraram suas respectivas tribos, que levavam os seus nomes.

A sociedade israelita fora multiplicando-se, até que, anos depois, os egípcios conseguiram subjugar e dominar os judeus, e escravizaram aquele povo por quatrocentos anos. Os judeus não suportavam mais a opressão dos egípcios, e clamavam a Deus, pedindo a libertação de seu povo. A Bíblia relata

⁸ A Bíblia divide-se em duas partes: Antigo Testamento e Novo Testamento. O Antigo narra a história do mundo desde a sua criação, bem como a história do povo judeu, até cerca de 400 anos a.C. O Novo inicia-se com o nascimento de Jesus Cristo e narra os primórdios da história cristã, até aproximadamente o ano 70 d.C.

⁹ Para facilitar a localização dos textos, os livros contidos na Bíblia dividem-se em capítulos e versículos. O número que aparece antes dos dois pontos (:) indica o capítulo. O(s) posterior(es) indica(m) o(s) versículo(s). Nesse caso então, o texto citado encontra-se no Livro de Gênesis, capítulo 35, versículos de 10 a 11. Caso não haja os dois pontos (:) o texto indica apenas o capítulo. Ex: (Lucas 14).

que Deus ouviu as orações, e então Ele¹⁰ levanta e capacita um homem chamado Moisés e seu irmão Aarão, descendentes da tribo de Levi, para liderar os israelitas na fuga do Egito para a terra prometida, Canaã. (Êxodo 1-3). Moisés obedece às ordens de Deus, cumpre a promessa de libertar o povo cativo do Egito e foge, liderando-os. É possível notar lendo o relato bíblico que Deus demonstra um grande amor e cuidado pelo povo israelita desde o início, e em vários versículos Ele se autointitula como “O Deus de Israel” (Êxodo 5:1; 32: 27).

Deus estabeleceu algumas leis e regras de conduta, além de entregar a Moisés a tábua com os dez mandamentos. Porém, apesar de todo o zelo de Deus para com o povo e de todos os milagres que realizara diante deles, como guiá-los durante o dia na forma de uma coluna de nuvem, e à noite como uma coluna de fogo (Êxodo 13:21) e de fazer cair alimento do céu quando o povo estava faminto (Êxodo 16: 12-15), os israelitas murmuravam contra Deus, e cometiam pecados que Ele já havia ordenado que não praticassem, tais como homicídio, adultério, idolatria a outros deuses, sodomia e outros.

Além destas coisas, Deus ordena que sacrifícios de animais fossem realizados para diversas ocasiões diferentes, como forma de adoração, gratidão, mas, principalmente, para a remissão dos pecados do povo. Geralmente, o animal a ser sacrificado com o objetivo de perdoar os pecados era um cordeiro, que deveria ser perfeito, em outras palavras, não poderia ser manco ou ter qualquer outro tipo de deficiência. O cordeiro era levado até o sacerdote da tribo, e o sacerdote imolava e sacrificava o animal a Deus em favor da pessoa ou de um grupo favorecido.

Esse tipo de sacrifício era feito diariamente, mas havia também o Dia da Expição, uma data específica do ano que Deus elegera, realizada ao décimo dia do sétimo mês do calendário judaico (Levítico 23:27). Nesse dia, os israelitas preparavam uma reunião sagrada e não se podia trabalhar, e assim se comemorava a expiação dos pecados do povo por Deus.

Segundo a maioria dos teólogos e arqueólogos que se dedicam ao estudo da história dos judeus, Moisés viveu aproximadamente no período de 1550 a

¹⁰ Os pronomes que aparecerem iniciando-se com letras maiúsculas, como Ele, Sua, nEle, dEle, referem-se sempre a Deus ou a Jesus Cristo, dependendo do contexto. A Bíblia e diversos outros textos religiosos cristãos utilizam essa forma para expressar respeito com o nome divino

1407 a.C. Após sua morte, outros importantes profetas das escrituras sagradas dos cristãos e judeus como Isaías, Jeremias e Ezequiel surgiram e tiveram suas vidas dedicadas a Deus. A alcunha de profeta provinha justamente porque Deus usava aquelas pessoas para revelar-lhes profecias de Sua parte e entregá-las às pessoas, como forma de conhecer os Seus atributos e vontades, bem como revelar-lhes acontecimentos futuros.

Estes começaram a profetizar a vinda de um Messias, que seria o eterno e definitivo salvador do povo de Israel (do hebraico *Mashiah*, que significa “ungido”). Fora dito por eles que “o governo do Messias seria de retidão, justiça e de paz, e que tal reino não teria fim” (Isaías 9:7); que ele nasceria em Belém (Miquéias 5:2); nasceria de uma virgem (Isaías 7:14); faria um ministério na região da Galileia (Isaías 9: 1-2); entraria triunfalmente em Jerusalém montado em um jumento (Zacarias 9:9); realizaria milagres (Isaías 35: 5-6, 32: 3-4); seria desprezado pelos judeus (Isaías 53:3, Salmo 2:2); seria vendido por trinta moedas de prata (Zacarias 11: 12-13); sofreria calado (Isaías 53:7, Salmo 38: 13-14); seria morto junto com malfeitores (Isaías 53:12); ressuscitaria e subiria aos céus (Salmo 16:10, Salmo 68:18), além de muitas outras profecias, que datam de aproximadamente 1000 a 800 a.C.

Entretanto, a maior e mais importante das profecias, que norteia a vida do cristão e é crucial para a finalidade proposta por este projeto, é a de que esse Messias seria o sacrifício para eliminar de maneira definitiva o pecado do mundo. O profeta Isaías afirmara que o salvador prometido derramaria seu próprio sangue e daria sua vida em favor da humanidade, e que ele carregaria consigo o pecado das pessoas. (Isaías 53:12). Para os cristãos, é notável que todas as profecias que se referiam ao Messias se cumpriram através de Jesus Cristo.

João Batista, primo de Jesus de acordo com o relato bíblico, reconhece essa característica de redentor e salvador da humanidade em Jesus. João batizava pessoas e anunciava a breve chegada do Messias. A Bíblia relata que quando Jesus surgira diante dele em um determinado dia, João Batista afirmara: “Veja! É o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). É interessante notar que ele vale-se da palavra “cordeiro” para se referir a Jesus. Ou seja, Jesus era o cordeiro enviado por Deus para levar o pecado de todas as pessoas e conceder-lhes a salvação. Sua morte na cruz substituiria o sacrifício

feito com animais. Por isso ela é chamada entre os cristãos de morte vicária, ou seja, que substitui, que faz o trabalho de outra coisa ou pessoa. Assim como no sacrifício animal, o cordeiro não podia ter defeito, Jesus era completamente perfeito e nunca cometera pecado (2 Coríntios 5:21). Deus aboliu então o sacrifício de animais e em troca sacrificou seu único filho que coexiste com Ele desde sempre (João 1), substituindo definitivamente o antigo ritual que perdurava por cerca de 1500 anos, a fim de que todos que cressem em Cristo, não perecessem, mas possuíssem a vida eterna (João 3:16).

Para que essa questão seja melhor analisada, é necessário que se compreenda que, de acordo com a Bíblia, todos os seres humanos, sem exceção, já nascem com o que a teologia define como pecado original. Tal mácula adentrara no mundo através de Adão e Eva, os primeiros seres humanos, que desobedeceram a ordem de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, quebrando então a relação pura entre o Criador e a criatura, e, a partir desse ocorrido, todos os seres humanos após Adão e Eva nasceram com a “semente” daquele pecado dentro de si. Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, ou seja, com suas características e atributos (Gênesis 1:27), porém o homem deu espaço ao mal, ao pecado, características que não provêm de Deus. Por isso, ocorreu a separação entre o homem e Deus, e dessa ocasião surgiu a necessidade das pessoas se voltarem a Ele novamente. O sacrifício de Jesus seria, portanto, a forma perfeita de reconciliar a comunhão das pessoas com Deus. O apóstolo Paulo, na epístola aos Romanos, afirma:

Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram; [...] Entretanto, não há comparação entre a dádiva e a transgressão. De fato, muitos morreram por causa da transgressão de um só homem (Adão), mas a graça de Deus, isto é, a dádiva pela graça de um só, Jesus Cristo, transbordou ainda mais para muitos. [...] a fim de que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reine pela justiça para conceder vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. (ROMANOS 5: 12-20).

Desse modo, de acordo com a Bíblia, todo ser humano, depois da morte sacrificial de Cristo, somente poderá alcançar a salvação, a vida eterna e as

promessas e bênçãos dadas por Deus, caso creiam que Jesus Cristo é o filho de Deus, que morreu uma única vez para apagar em definitivo a mácula causada pelo pecado no homem. Ele é o único caminho para essa reconciliação e ninguém pode se chegar a Deus sem o intermédio de Jesus Cristo (João 14:6).

O corpus desta pesquisa dialogará com aspectos dualistas importantes do barroco. Vale ressaltarmos que todos esses aspectos permeiam o intelecto do homem barroco, e no fim da pesquisa, poderemos concluir se também moldam todo o homem que percorre a “trajetória da salvação”. No primeiro poema, perceberemos o conflito do homem barroco em face do das oposições “busca pelo sagrado *versus* deleite pelos prazeres do mundo, ou “carne *versus* espírito”, como relatado em Gálatas 5:17: “Porque a carne milita contra o espírito, e o espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer”.

No segundo poema, a dualidade é evidenciada por Pecado *versus* Perdão. O homem pecador confessa a Deus as suas falhas e transgressões e tem consciência de que só poderá prosseguir sua “trajetória” em busca da salvação, caso alcance da parte de Deus a graça, por meio do perdão e da absolvição dos pecados. Como bem define Catalán:

Diante do Deus três vezes santo, o homem pecador reconhece que é culpado, e um sentimento de medo por vezes mesclado de angústia toma conta dele: “Ai de mim!”: esta lamentação do profeta é como um grito de desespero, que ressoa em toda consciência pecadora... até o dia da libertação, supondo-se que, tal como o condenado em sua prisão, um dia lhe seja concedido a graça. “Quem me livrará? – se perguntava o apóstolo Paulo, e ele mesmo respondia; - “A graça de Deus” (Romanos 7: 24-25).

O terceiro poema baseia-se na dualidade entre Salvação e Condenação. O pastor e teólogo batista brasileiro, Marcos Granconato, baseado no texto bíblico de João 3:36, apresenta um panorama acerca dessa dualidade. O versículo diz: “Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”. Acerca desse texto, Granconato argumenta: “Cristo veio para salvar, mas também para condenar. Aquele que crê em Jesus já está salvo, mas quem

rejeita esta graça encontra-se em um estado de rebeldia contra Deus, e sobre si paira a ira divina”¹¹.

Sendo assim, de acordo com este pensamento, inevitavelmente todos se verão em algum momento da vida diante desse dualismo. Na leitura e análise do terceiro poema, no último capítulo da pesquisa, veremos que o eu-lírico está precisamente nesse estado de conflito, entre essas duas potências.

No quarto e último poema, temos uma dualidade, dessa vez não apenas restrita ao movimento barroco, mas que se faz presente desde os primórdios das manifestações artísticas da humanidade: A temática da vida *versus* morte, ou o eterno em contraposição ao efêmero. Talvez não no sentido que defendia Nietzsche “Todo prazer anseia por eternidade, mas se experimenta no efêmero”; ou o poeta Vinicius de Moraes: “Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”. Mas talvez alinhado com o personagem bíblico Salomão, que mesmo tendo sido, de acordo com o relato sagrado, o homem mais sábio e rico que já tenha existido, ainda brada com toda a lucidez: “Tudo é vaidade”.

O eu-lírico no último poema domina sobre a morte e a vida, nesse sentido. Ele encontra-se numa linha tênue entre essas duas potências, experiencia-as, e então, por fim, participa do Grande Mistério cristão: morre e vive ao mesmo tempo.

O panorama elaborado neste capítulo, fez-se necessário a fim de que o leitor compreenda as implicações e consequências da morte vicária de Jesus Cristo, para que assim se aplique e se faça entender tais pontos, que estão presentes nos poemas que constituem o corpus da pesquisa.

Após a morte e ressurreição de Jesus, os discípulos são encarregados de levar a mensagem do evangelho, qual seja justamente a reconciliação do homem com Deus e da possibilidade da salvação e vida eterna em Jesus Cristo. É mister notarmos então que os fiéis que adotaram as doutrinas de Cristo e praticaram Seus ensinamentos, apresentaram um certo padrão moral e comportamental. De acordo com a teologia, isso acontece com todos os seres humanos que são

¹¹ Fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xjhYCzdT3XA>. Acesso em: 07/05/2020

alcançados pela Graça de Deus e que estão inseridos no processo de regeneração e salvação. Veremos.

2.1 Formação das etapas da “trajetória da salvação”

A teologia sistemática, no ramo da soteriologia, cria a partir de uma profunda análise dos textos bíblicos algumas etapas através das quais todos os seres humanos obrigatoriamente percorrem quando estão inseridos no plano salvífico de Deus. Valendo-nos novamente das obras de teologia sistemática de Wayne Grudem e Millard Erickson, os dois teólogos, divergindo apenas em alguns nomes ou ordem delas, sugerem sete etapas:

- Chamado do Evangelho ou Chamado Eficaz (O que é a mensagem do Evangelho e como ela se torna eficaz)
- Regeneração (“Nascer de novo”)
- Conversão (Fé e arrependimento)
- Justificação (Direto legal de estar diante de Deus)
- Adoção (Filiação na Família de Deus)
- Santificação (Tornar-se semelhante a Cristo)
- Perseverança dos Santos (Conservar-se em Cristo)

Com a finalidade de analisarmos os elementos da salvação nos poemas religiosos de Gregório de Matos que compõe essa pesquisa, baseamo-nos nessas mesmas sete etapas. Contudo, a fim de não nos alongarmos em demasia, após realizada análise e síntese, resumimos as sete etapas em quatro:

- Reconhecimento do homem em sua condição de pecador diante de Deus, juntamente com o arrependimento;
- Confissão, aliada a transformação de comportamento;
- Dependência de Deus;
- Confiança na sua salvação ao fim da vida.

Na Bíblia, essas etapas são sempre vistas agindo sobre o ser humano no que compete a salvação. São elas que objetivamos demonstrar nos itens posteriores, bem como através dos poemas do corpus, mediante auxílio de trechos das escrituras sagradas do cristianismo.

Entretanto, na leitura até aqui, é possível que o leitor em algum momento tenha se perguntado: “Se a salvação ocorre através do sacrifício de Cristo na cruz, o que aconteceu com todas as pessoas que viveram antes desse acontecimento? Foram condenadas ao inferno, sem uma chance de salvação?”. O Dr. Augustus Nicodemus Lopes, teólogo calvinista brasileiro, responde que: “Todas as pessoas que viveram antes de Jesus, foram salvas se creram nas promessas que estavam prefiguradas nos símbolos, nas cerimônias, nos sacrifícios, nas palavras dos profetas e na fé no Messias que haveria de vir, assim como nós somos salvos pelo Messias que já veio. É da mesma maneira, apenas estamos em pólos opostos da história”¹². A maioria das vertentes cristãs corroboram com essa ideia expressada por ele.

Sendo assim, é possível encontrar esse padrão também nos homens do Antigo Testamento que temiam a Deus, pois também poderiam ser salvos. E, com isso, poderemos a fim de responder a pergunta da pesquisa, nos valer de exemplos de pessoas que viveram tanto no Antigo Testamento como no Novo, ao nos referirmos a essas quatro etapas da salvação.

2.2 A Depravação Total e a Ação da Graça de Deus

¹² Fala disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kpa2PBd7E_M

A primeira etapa da “trajetória da salvação”, que também se faz presente no primeiro dos quatro poemas (A Nosso Senhor Jesus Cristo com Actos de Arrependimento e Suspiros de Amor), a ser analisada no próximo capítulo dessa pesquisa, é a doutrina bíblica da Depravação Total. Ela consiste em afirmar que todo ser humano nasce com o pecado original (herdado através do pecado de Adão e Eva) e que, devido a tais circunstâncias, jamais consegue, por seu próprio esforço e merecimento, se chegar a Deus e obter a salvação. Somente com a ação prévia de Deus é que o homem poderia despertar dessa inércia espiritual e, deste modo, reestabelecer a comunhão com Ele.

Entre os estudiosos da Bíblia e das doutrinas cristãs, Santo Agostinho (354-430 d.C), considerado um dos Pais da Igreja¹³, defendeu efusivamente a doutrina da Depravação Total em detrimento da doutrina do monge inglês Pelágio de Bretanha, a qual, em contraponto, sustentava que o pecado de Adão só havia prejudicado a si mesmo e que o ser humano era livre para escolher entre o bem e o mal em qualquer momento de sua existência, por seus próprios meios, sem a necessidade de uma prévia ação divina.

As ideias de Pelágio assemelhavam-se ao conceito que futuramente seria formulado pelo filósofo inglês John Locke de “*tabula rasa*”, o qual afirmava que todo homem nascia como uma tábua em branco e, a partir daí, suas experiências e vontades moldavam o seu caráter e suas escolhas, bem como na filosofia humanista de Jacques Rousseau, que cria na ideia de que todo ser humano nasce bom e que a sociedade acabava por corrompê-lo. Agostinho sentia necessidade de combater essa visão, pois ia claramente contra o que diziam as escrituras sagradas, como por exemplo no livro de Romanos, capítulo 3, versículos de 9 a 12:

Que concluiremos então? Estamos em posição de vantagem? Não! Já demonstramos que tanto judeus quanto gentios estão debaixo do pecado. Como está escrito: Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer. (ROMANOS 3: 9-12).

¹³ Mestres, teólogos, professores e líderes da chamada Igreja Primitiva, por isso o nome de “Pais da Igreja”. Viveram nos primeiros séculos depois de Cristo, alguns deles chegando a conhecer pessoalmente boa parte dos apóstolos de Jesus. Ajudaram a difundir as doutrinas cristãs pelo mundo através dos seus escritos. Santo Agostinho, Clemente de Roma, Inácio de Antioquia e Policarpo de Esmirna são alguns dos mais renomados dos Pais da Igreja.

Acerca desse embate entre Agostinho e Pelágio, o PhD e pastor americano Steven J. Lawson afirma:

Agostinho ensinava que o homem, na queda de Adão, perdeu toda a capacidade de obedecer a Deus. Por causa do pecado original, os seres humanos não podem realizar o que Deus requer. Pelágio, confiando na razão humana, mais que na revelação divina, concluiu que a responsabilidade necessita de capacidade. A despeito do ensino da escritura, ele insistia sobre a capacidade natural do homem caído em guardar a lei de Deus. As principais facetas do ensino de Pelágio consistiam num exaltado conceito da responsabilidade humana e o conceito deficitário da soberania divina. (LAWSON, 2013, p. 289).

Nos tempos atuais, a doutrina de Depravação Total do ser humano proposta por Agostinho é amplamente aceita e corroborada pelo Vaticano como também pelos protestantes. A cristandade conclui que o homem é naturalmente inclinado a fazer o mal, a viver uma vida torpe, a pecar, e jamais sairá dessa situação sem que previamente Deus conceda Sua Graça sobre a vida dele e o ajude a transformar os seus maus caminhos, pensamentos e ações.

Partindo desse conhecimento, alcançamos a primeira das quatro etapas que fora citada no item anterior, qual seja o reconhecimento do homem como pecador diante de Deus.

Como já fora dito, o homem só consegue chegar nesse estágio, em que ele se percebe como pecador, quando é alcançado pelo que a Bíblia chama de Graça. Ora, a Graça (do grego *charis*) é um dom e um atributo de Deus que se traduz como por favor, benção ou bondade. Na teologia, ela é comumente chamada de favor imerecido, ou seja, o homem por si somente e por seus esforços não merece nem consegue receber a Graça de Deus, mas devido ao amor e bondade dEle para com a Sua criação, oferece-a às pessoas, e aquelas que são tocadas por essa Graça e não a rejeitam estão aptas a receber a salvação. Na carta endereçada aos Efésios, no capítulo 2, o Apóstolo Paulo afirma: “Pois vocês são salvos pela Graça, por meio da fé, e isso não vem de vocês, é dom de Deus”.

Na teologia, essa Graça de Deus que alcança o homem é comumente denominada de Chamado Eficaz, ou Chamado Especial, e é assim definida por Erickson:

O chamado especial é, em grande medida, obra de iluminação do Espírito Santo, capacitando o receptor a entender o verdadeiro significado do evangelho. Ele também inclui a obra de convencimento do Espírito Santo, sobre a qual Jesus falou em João 16: 8-10. Essa atuação do Espírito é necessária porque a depravação característica de todos os seres humanos os impede de compreender a verdade revelada de Deus. [...] O chamado especial ou eficaz, então, envolve uma apresentação extraordinária da mensagem da salvação, suficientemente poderosa para neutralizar os efeitos do pecado e capacitar a pessoa a crer (ERICKSON, 2015. p. 902-903).

Quando o ser humano encontra essa Graça, percebe sua condição de pecador, conscientiza-se da sua separação de Deus desde o momento em que fora concebido, e conhece a necessidade do ato de arrependimento dos seus pecados para obter a salvação. O Rei Davi, um dos personagens mais famosos e importantes da narrativa bíblica, que governou Israel entre os anos de 1010 a.C e 970 a.C aproximadamente, afirma no Salmo 51, versículo 5: “Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe”.

O ato de arrependimento dos pecados no processo de salvação é tão importante, que o verbo “arrepender” e suas derivações aparecem cinquenta e três vezes apenas no Novo Testamento.

João Batista, no livro de Mateus, capítulo 3, versículo 2, afirma: “Arrependam-se, porque o Reino dos céus está próximo”. Referia-se ele justamente a Jesus, que aparece no versículo 13 do mesmo capítulo, e ao Reino de Deus que seria estabelecido com o sacrifício de Cristo na cruz. Percebe-se que, implicitamente, João Batista coloca o arrependimento como condição para que a pessoa alcance o Reino dos céus.

Em outro momento da narrativa bíblica, o próprio Jesus Cristo alerta os fariseus¹⁴, que questionaram certa atitude dEle, sobre a importância do arrependimento. Vejamos:

Depois disso, Jesus saiu e viu um publicano chamado Levi, sentado na coletoria, e disse-lhe: “Siga-me”. Levi levantou-se, deixou tudo e o seguiu. Então Levi ofereceu um grande banquete a Jesus em sua casa. Havia muita gente comendo com eles: publicanos e outras pessoas. Mas os fariseus e aqueles mestres da lei que eram da mesma facção

¹⁴ Os fariseus eram judeus religiosos influentes na época de Cristo. Foram os criadores das sinagogas. Esse grupo foi amplamente criticado por Jesus Cristo nos evangelhos por sua hipocrisia, manipulação e ganância

queixaram-se aos discípulos de Jesus: “Por que vocês comem e bebem com publicanos e pecadores?” Jesus lhes respondeu: Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento. (LUCAS 5: 27-32).

De acordo com Grudem, o arrependimento à luz da Bíblia é um entendimento intelectual de que o pecado é errado, uma aprovação emocional dos ensinamentos das Escrituras concernentes a ele (tristeza e aversão) e uma decisão pessoal de afastar-se dele (abandoná-lo e levar uma vida de obediência a Cristo), e completa afirmando que “o arrependimento é algo que ocorre no coração e envolve a pessoa como um todo na decisão de afastar-se do pecado” e que “uma pessoa verdadeiramente arrependida começará imediatamente a viver uma vida transformada, e podemos chamar essa vida transformada de fruto do arrependimento”. (p.596).

No livro do Profeta Ezequiel, Deus entrega uma profecia a ele, onde no último verso lê-se: “Pois não me agrada a morte de ninguém; palavra do Soberano Senhor. Arrependam-se e vivam!” (Ezequiel 18:32). Vale ressaltar a condição *sine qua non* que é percebida nesse versículo, na relação entre pecado e morte. A Bíblia é explícita, não só nesse trecho citado, como também em muitos outros, o fato de que a consequência do pecado é a morte, não somente a morte do corpo, mas também da alma (condenação eterna no inferno), e somente o que pode romper com essa condição é o dom gratuito de Deus, que é a vida eterna com Jesus Cristo (Romanos 6:23). Portanto, a primeira condição humana após ser alcançada pelo favor imerecido vindo da parte de Deus é o arrependimento.

A “Parábola¹⁵ do Filho Pródigo”, registrada no Evangelho de Lucas, capítulo 15, ensinada por Jesus, narra a história de um pai abastado financeiramente e de seus dois filhos, futuros herdeiros de toda a sua herança, que trabalhavam juntos em sua própria fazenda. Em certa feita, o filho mais novo pediu ao pai a sua parte na herança, pois desejava viver a sua independência longe dali. Então, o pai assim o fez, vendendo seus bens e terras e dando a ele a sua parte correspondente da herança, e então ele partiu para longe, enquanto

¹⁵ Uma parábola é uma pequena história contada para explicar uma verdade complexa. Trata-se de um conceito abstrato ou de difícil compreensão utilizando exemplos do cotidiano. Jesus valia-se delas para tornar mais fácil a seus seguidores a compreensão do evangelho.

o pai permaneceu trabalhando com o filho mais velho. A Bíblia relata que passado algum tempo, o caçula começara a viver de maneira dissoluta, gastando seu dinheiro e bens, o que acabou resultando em passar fome e viver culminando em um período de fome e miséria. Encontrou um trabalho como cuidador de porcos, e enquanto trabalhava, lembrava da vida tranquila que possuía com o pai e o irmão.

Após estas coisas, ele acaba por se arrepender de todas as suas atitudes e decide retornar para sua antiga morada e pedir perdão a seu pai. O velho viu ao longe seu filho retornando e seu coração se encheu de alegria e compaixão, e correu ao seu encontro. Então, o filho diz: “Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho”. O pai, contudo, ordena que seus criados tragam a melhor roupa e que matem o melhor novilho, pois queria fazer uma comemoração em honra ao filho que retornara. Além disso, deu presentes a ele.

O filho mais velho estava voltando do campo onde trabalhava e vendo a agitação em casa, perguntou a um dos criados o que acontecia. O criado contou a história do retorno de seu irmão e da festa oferecida pelo pai, e, ouvindo isso, ele irou-se. Encontrando o pai, o filho mais velho se queixa de que sempre o servira, o obedecera e nunca fora rebelde e egoísta como seu irmão mais novo que os abandonara, contudo, jamais recebera um tratamento igual ao que o filho mais novo estava recebendo. Ao que o pai responde, finalizando a história: “Filho, tú sempre estás comigo, e tudo o que é meu, é teu; entretanto cumpria regozijarmo-nos, porque este teu irmão era morto e reviveu, estava perdido e se achou”.

Através do ensinamento dessa parábola e baseado em outros ensinamentos de Jesus Cristo sobre arrependimento, podemos concluir que o sentimento de alegria e compaixão expressados pelo pai ao ver o filho rebelde retornando aos seus braços é uma metáfora que representa o amor de Deus para com os seus filhos perdidos, bem como Sua misericórdia e Graça infinitas. O filho mais novo representa toda a humanidade, que se rebela e abandona o pai (Deus), porém, que será sempre bem-vindo aos seus braços novamente caso se arrependam e queiram recomeçar uma nova história dali em diante.

Nesse item da pesquisa, podemos demonstrar como o arrependimento é crucial para a “trajetória da salvação” e que, sem ele, o ser humano não pode ser salvo (Lucas 13:3) e, conseqüentemente, não consegue avançar para a segunda das quatro etapas, que veremos a seguir.

2.3 Confissão e transformação de comportamento

A segunda atitude, que é obrigatoriamente manifestada em todas as pessoas que aceitaram a Graça de Deus e automaticamente passaram a pertencer ao grupo de pessoas que caminham no processo de salvação, é o ato da confissão dos pecados a Deus e da demonstração de transformação de comportamento.

Erickson, baseado na terminologia que a Bíblia fornece a respeito do pecado em diversas passagens diferentes, define as causas, natureza e consequências do pecado:

- Causas: (Ignorância, erro, desatenção);
- Natureza: (Pecado intencional, impiedade, transgressão, falta de integridade, rebeldia, traição, perversão e abominação);
- Efeitos:
 - > No relacionamento com Deus: (Desfavor divino, culpa, punição, morte física, espiritual e eterna)
 - > Sobre o pecador: (Escravidão, fuga da realidade, negação do pecado, autoengano, insensibilidade, egocentrismo, inquietude)
 - > No relacionamento com outras pessoas: (Competitividade, incapacidade de se solidarizar, rejeição da autoridade e incapacidade de amar). (p.544).

Podemos observar, então, a partir dessas definições, a dimensão de destruição que o pecado gera em torno da vida do homem, além de entender consequentemente a necessidade da confissão dos pecados.

Na primeira epístola de João, capítulo 1, versículo 9, Paulo exorta os cristãos da igreja primitiva, ou seja, da igreja dos primeiros anos após a morte de Cristo, ensinando: “Se confessarmos, Cristo é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça”. O Rei Salomão, no livro em que estão compilados os seus provérbios de sabedoria, aconselha: “Quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia” (Provérbios 28:13).

O salmista e rei de Israel, Davi, autor de aproximadamente 73 dos Salmos da Bíblia, também em inúmeras ocasiões alerta sobre a importância da confissão dos pecados a Deus, para a obtenção do perdão e da salvação divina:

Confesso a minha culpa; em angústia estou por causa do meu pecado.
(SALMO 38:18)

Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer. Pois dia e noite a Tua mão pesava sobre mim; minhas forças foram se esgotando como em tempos de seca. Então reconheci diante de ti o meu pecado e não encobri as minhas

culpas. Eu disse: Confessarei as minhas transgressões ao Senhor, e tu perdoaste a culpa do meu pecado. (SALMO 32: 3-5.)

O catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana, também relata a importância da doutrina do arrependimento e da confissão dos pecados para a caminhada do cristão, ao afirmar que: “A confissão (a acusação) dos pecados, mesmo de um ponto de vista simplesmente humano, liberta-nos e facilita a nossa reconciliação com os outros. Pela confissão, o homem encara de frente os pecados de que se tornou culpado; assume a sua responsabilidade e, desse modo, abre-se de novo a Deus e à comunhão da Igreja, para tornar possível um futuro diferente” (p. 449).

É possível perceber frequentemente, durante a narrativa bíblica, que, os indivíduos que percorreram todo esse percurso salvífico, até este momento, também manifestaram uma transformação comportamental significativa. Uma é a transformação de caráter. De acordo com as escrituras sagradas dos cristãos, quem experimenta um encontro real com Cristo, é transformado para melhor. Entre os exemplos bíblicos, certamente o exemplo mais conhecido dessa transformação é o caso do apóstolo Paulo.

Após a morte e ressurreição de Jesus, seus seguidores continuaram a ensinar os ensinamentos de seu Mestre e cumprindo o mandamento deixado por Ele de proclamar o evangelho a todas as criaturas (Marcos 16:15). Nessa época pós-ressurreição, havia um judeu chamado Paulo (Onde nasceu era conhecido como Saulo, devido a diferenças na pronúncia de alguns sons). Ele fora um grande perseguidor de cristãos. Era natural da cidade de Tarso e pertencia ao grupo dos fariseus, que tanto criticavam as atitudes de Cristo e que também sempre foram criticados por Jesus por suas hipocrisias e mentiras. Ele nunca conhecera Jesus pessoalmente, mas a Bíblia narra que Paulo perseguia os cristãos primitivos e os discípulos de Jesus, “arrastando homens e mulheres e os lançando na prisão” (Atos 8:3). Ele ameaçava de morte os discípulos de Jesus e solicitara autorização para as sinagogas da região de levar em cárcere até Jerusalém os cristãos que ele encontrasse (Atos 9:1-2). Em determinado momento, durante uma viagem até a cidade de Damasco, o espírito de Jesus, no entanto, se apresenta a ele, e Paulo tem uma transformação de vida a partir daquele momento. Conferimos:

Em sua viagem, quando se aproximava de Damasco, de repente brilhou ao seu redor uma luz vinda do céu. Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo¹⁶, Saulo, por que você me persegue?” Saulo perguntou: “Quem és tu, Senhor?” Ele respondeu: “Eu sou Jesus, a quem você persegue. Levante-se, entre na cidade; alguém lhe dirá o que você deve fazer” [...] Respondeu Ananias: Senhor, tenho ouvido muita coisa a respeito desse homem (Saulo) e de todo o mal que ele tem feito aos teus santos em Jerusalém. Ele chegou aqui com autorização dos chefes dos sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome. Mas o Senhor disse a Ananias: Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel. Mostrarei a ele o quanto deve sofrer pelo meu nome. [...] Saulo passou vários dias com os discípulos em Damasco. Logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus. Todos os que o ouviam ficavam perplexos e perguntavam: “Não é ele o homem que procurava destruir em Jerusalém aqueles que invocam este nome? E não veio para cá justamente para levá-los presos aos chefes dos sacerdotes?” Todavia, Saulo se fortalecia cada vez mais e confundia os judeus que viviam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo. (ATOS 9: 3-22).

O encontro de Paulo com Jesus gerou tamanha transformação de pensamento, atitude e caráter, que o Apóstolo Paulo é considerado o maior e mais importante apóstolo da Bíblia, sem mesmo nunca ter conhecido pessoalmente Jesus em vida. Ele escreveu a maior parte do novo testamento, foi o responsável pela propagação do evangelho de Jesus por toda a Ásia, foi preso e perseguido pelo fato de propagar a mensagem que antes ele mesmo perseguia, morreu pela sua fé e hoje é considerado pelos cristãos o maior mártir que já existiu.

Curiosamente, o apóstolo Paulo informou aos cristãos a necessidade de transformação e renovação, para os que andavam em obediência a Jesus. No livro de Romanos, ele alerta: “Não se amoldem aos padrões deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12:2).

Um dos versículos mais famosos entre os cristãos é o de 2ª carta aos Coríntios, capítulo 5, versículo 17, o qual afirma: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”. E também alerta: “Aquele que afirma estar nEle (Cristo), deve permanecer como Ele andou” (1 João 2:6).

Episódios também como por exemplo o da mulher que sofria com uma hemorragia vaginal durante dezoito anos, citada no livro de Marcos, capítulo 5,

a qual já havia procurado todo tipo de auxílio que a medicina da época proporcionava e não curara a sua doença, mas quando um dia conseguira chegar perto de Jesus e encostara apenas na barra de suas vestes, imediatamente ficara curada. A Bíblia apresenta também exemplos de algumas características que apresentam os salvos em Jesus, como os dons do espírito, entre eles, bondade, mansidão, domínio próprio, paz, longanimidade, dentre outros.

Portanto, todos os que encontram a salvação em Cristo, inevitavelmente, experimentam uma transformação, seja física, espiritual, de caráter ou consciência, ou todas juntas. Isso acontece porque essas pessoas “estão crucificadas com Cristo, e vivem não mais elas, mas Cristo é quem vive nelas” (Gálatas 2:20).

Nesta segunda etapa, juntamente com a confissão dos pecados e o início da sua transformação de vida e da sua peregrinação cristã, o ser humano apresenta uma total confiança em Deus. Ele manifesta o aprendizado de que, por seus próprios meios e méritos, jamais conseguirá ou merecerá a Graça de Deus, e por isso exibe uma confiança no poder, no sustento e nas promessas dEle. O ser humano nessa etapa entende a máxima de que “um bom relacionamento é baseado em confiança” e deposita sua vida aos cuidados de Deus.

A Bíblia recomenda tal confiança, e afirma que aqueles que confiam em Deus jamais se decepcionam ou se frustram com essa escolha. O Salmo 20 afirma que “uns confiam em carros, outros em cavalos, mas nós faremos menção do nome do Senhor nosso Deus” (20:7). O 125 que “Os que confiam no Senhor, são como os montes de Sião, que não se abalam, mas permanecem para sempre”. O 84: “Ó Senhor dos Exércitos, como é feliz aquele que em ti confia” (84:12).

Um caso específico da Bíblia vale a pena ser aqui citado, pois talvez seja o maior milagre já registrado no livro sagrado a respeito da consequência da confiança em Deus. No livro de Daniel, capítulo 3, relata-se que Nabucodonosor, atual rei da Babilônia naquela circunstância, mandara construir uma imagem de ouro de 27 metros de altura. A estátua era de algum deus adorado pelos babilônicos, mas a Bíblia não relata seu nome. O rei emite na ocasião uma ordem em que o povo deveria obrigatoriamente se prostrar diante dele e da imagem de

ouro e prestar culto a ela toda vez que ouvissem o som de música produzida por alguns instrumentos musicais comuns da época, e que, quem se recusasse a obedecer tal ordem, seriam lançados em uma fornalha em chamas.

Ao soar da tal música, o povo ajoelhou-se, prestando culto e adorando a imagem de ouro. Exceto três indivíduos judeus por nomes de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que se mantiveram de pé, recusando-se a obedecer tal ordem, alegando que, por serem judeus, serviam e obedeciam apenas ao Deus de Israel. O fato chegou até Nabucodonosor, que os ameaçou de lançar na tal fornalha em chamas, ao que ouviu como réplica dos três homens os seguintes dizeres: “Se formos atirados na fornalha em chamas, o Deus a quem prestamos culto pode livrar-nos, e Ele nos livrará também das suas mãos, ó rei. Mas, se Ele não nos livrar, saiba, ó rei, que não prestaremos culto aos seus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que mandaste erguer.”

Sendo assim, o rei, furioso, mandara acender a fornalha, bem como que ela fosse aquecida sete vezes mais do que comumente era feito. Assim ocorreu, e os soldados do rei amarraram e lançaram os três homens dentro da fornalha. A Bíblia relata que os soldados do rei morreram apenas de ficar perto dela, tamanho o calor que dali emanava. O rei ficou de longe olhando a fornalha, que tinha uma parte aberta em que se podia ver pelo lado externo, e ficou surpreso, pois via os três homens andando normalmente dentro da fornalha, desamarrados e ilesos, e, além dos três, via uma outra quarta pessoa com eles e que o próprio rei definiu como “filho dos deuses”.

O rei, ainda muito assustado, deu ordem para a retirada dos homens dali e, diante de um milagre que viu com seus próprios olhos, reconheceu que só existia um Deus verdadeiro. E assim ele entendeu e exteriorizou a importância da confiança em Deus dizendo: “Louvado seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou os seus servos! Eles confiaram nEle, desafiaram a ordem do rei, preferindo abrir mão de suas vidas a que prestar culto e adorar a outro deus, que não fosse o seu próprio Deus”.(Daniel 3:28) O próprio rei também reconheceu seus pecados e passou a adorar e reconhecer o Deus de Israel, estabelecendo um novo decreto impedindo que qualquer povo, nação ou língua dissesse algo contra o Deus de Israel.

Vale notar que a Bíblia relata antes mesmo do episódio com a fornalha, que os três homens eram pessoas com cargos importantes na Babilônia. Mas a confiança em Deus era tamanha, que não se importaram em talvez perder seus postos, se pra isso tivessem que ir contra os ensinamentos de Deus. Nem mesmo em face da morte, hesitaram em confiar em Deus, pois sabiam que, se fosse da vontade de Deus, eles seriam libertos. E assim mesmo ocorreu.

Diante do apresentado neste item, podemos compreender melhor a importância da confissão dos pecados e do ato de confiar em Deus na caminhada do cristão. Os exemplos utilizados demonstraram exemplos de personagens bíblicos que passaram pela primeira etapa da salvação e agora experimentavam a vivência da segunda etapa, pois externavam a confissão de seus pecados, bem como apresentavam uma transformação de comportamento. São pontos que surgem e permanecem na vida de todos os que percorrem a “trajetória da salvação”. Com isso, atingimos duas das quatro etapas. Vamos às outras duas.

2.4 Dependência do homem em relação a Deus

Nessa terceira etapa da salvação, objetivamos demonstrar que o cristão, após trilhar pelas etapas anteriores de conversão e regeneração, ou seja, de reconhecimento do seu estado natural de pecador e da atitude de arrependimento, bem como de confissão dos pecados e transformação comportamental, evidencia agora uma total dependência de Deus.

Wayne Grudem afirma que o indivíduo, visando a sua salvação, necessita decidir depender de Jesus, e que, ao fazê-lo, ele deixa a posição de um mero observador interessado nos fatos da salvação e nos ensinamentos da Bíblia, para tornar-se alguém que entra em uma nova comunhão com Jesus Cristo como uma pessoa viva (GRUDEM, 1999. p. 593). Da mesma maneira, Grudem sugere que as pessoas que dependem de Deus, manifestam obrigatoriamente alguns

sinais, que são: conhecimento básico ou entendimento dos fatos do Evangelho; convicção da verdade do Evangelho, principalmente quanto ao fato de saber que “é um pecador que necessita de salvação e que somente Cristo pagou a penalidade do meu pecado e me oferece tal salvação” (p. 595). Tais fatos podem ser corroborados com os exemplos bíblicos que veremos adiante, bem como através dos poemas no último capítulo da pesquisa.

Iniciemos os exemplos bíblicos acerca da questão da dependência do homem em relação a Deus citando Davi. Em diversos momentos cruciais de sua vida, deliberadamente externava tal condição. No conhecido episódio de sua batalha contra o gigante Golias (I Samuel 17), a Bíblia relata que este último, um guerreiro de quase três metros de altura, aliado aos filisteus, povo este que era inimigo do povo de Israel, estava há quarenta dias afrontando os soldados israelitas e zombando de Deus. Todavia, ninguém ousara enfrentá-lo, pois, além do seu tamanho, trazia consigo o exército filisteu, e temiam então morrer em batalha. Certo dia, Davi, ouvindo os vitupérios direcionados ao povo e as blasfêmias proferidas por Golias ao seu Deus, decidiu enfrentá-lo sozinho. Então, pegou uma funda¹⁷, algumas pedras e foi em direção a Golias, proferindo as seguintes palavras: “Você vem contra mim com espada, com lança e com dardo, mas eu vou contra você em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou. Hoje mesmo o Senhor o entregará nas minhas mãos, e eu o matarei e cortarei a sua cabeça. Hoje mesmo darei os cadáveres do exército filisteu às aves do céu e aos animais selvagens, e toda a Terra saberá que há Deus em Israel” (I Samuel 17: 45-46). O desfecho da história é conhecido. Davi acerta a pedra na cabeça de Golias, derrubando-o e em seguida o decapita, cumprindo a sua promessa.

Na fala de Davi, é de suma importância notarmos que, por duas vezes, a sua relação de dependência de Deus é evidenciada. Primeiramente, reconhece que o inimigo possuía um poderio bélico, e enquanto isso, ele não possuía tantas armas, mas declara que Deus estava do seu lado nessa batalha, e que aquilo seria suficiente para a vitória. Em seguida, notemos que Davi não afirma que por suas próprias forças iria derrotar Golias, mas que Deus o entregaria nas suas

¹⁷ Antiga arma, confeccionada de uma tira de couro e duas cordas, usadas para atirar pedras a longa distância. O atirador colocava pedras na parte do meio da tira de couro e rodava as cordas no ar, para que a pedra pegasse impulso e pudesse ser atirada com força. Assemelha-se muito ao estilingue.

mãos. E tudo isso de fato ocorreu. Deus dá a vitória a Davi sobre seus inimigos, em decorrência de haver demonstrado total dependência e confiança. O relato é mais impressionante, se levarmos em conta que Davi, segundo a maioria dos estudiosos da teologia, provavelmente tinha entre catorze e dezesseis anos no período.

Essa relação também pode ser evidenciada em vários dos salmos escritos por Davi: “Sempre tenho o Senhor diante de mim. Com ele à minha direita, não serei abalado” (Salmo 16:8); “A minha carne e o meu coração desfalecem, mas Deus é a fortaleza do meu coração e a minha porção para sempre” (Salmo 73:26).

Os discípulos de Jesus Cristo, em inúmeras ocasiões, demonstraram de igual maneira que eram dependentes de Deus. Em certo episódio, Jesus falava para o povo na sinagoga da cidade de Cafarnaum, e algumas pessoas consideraram duras as suas palavras e saíram daquele lugar. Então Jesus pergunta a seus doze discípulos que também estavam ali: “Vocês também não querem ir embora?”. No que Simão Pedro responde: “Para onde iremos, Senhor? Se só tu tens as palavras de vida eterna.” (João 6:68). Simão já demonstrara ali que havia entendido a necessidade da dependência divina para a sua salvação.

No conhecido sermão da montanha, Jesus ensina aos seus discípulos sobre as preocupações da vida, e os orienta a respeito de confiarem e dependerem de Deus:

Portanto eu lhes digo: não se preocupem com suas próprias vidas, quanto ao que comer ou beber; nem com seus próprios corpos, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante do que a comida, e o corpo mais importante do que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não tem vocês muito mais valor do que elas? [...] Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé? [...] Busquem, pois em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. (Mateus 6: 25-33).

Nessa passagem, Jesus argumenta a respeito da questão da dependência divina e de sua importância. Ao homem é oferecido um descanso, uma direção e um cuidado divino sobre a sua vida, e o que é pedido em troca é apenas a confiança na dependência de um Deus que quer o bem da sua própria criação. Assim como os filhos terrenos são dependentes dos seus pais, assim também

Deus espera dos homens dependência em relação a Ele. A Sua promessa, no último verso da citação, deixa claro que as prioridades do homem devem ser as coisas espirituais, e que, se assim o for, as coisas secundárias (alimento, segurança, trabalho) nos serão imputadas pelo amor que Deus tem pelos que obedecem a Seus mandamentos. Esse princípio também fica claro em Lucas 11: 11-13: “E qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, também, se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente? Ou também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos seus filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo aqueles que lho pedirem?”.

Após a morte e ressurreição de Jesus, os discípulos poderiam sentirem-se desamparados e perdidos, visto que não possuíam a presença física do seu mestre ali com eles, mas não é o que ocorre. Novamente, Pedro demonstra uma grande dependência de Deus em um episódio registrado no livro de Atos. A história relata que havia um homem adulto que era coxo de nascença, e vivia a pedir esmolas na porta do templo. Então, certo dia, Pedro vendo esse homem, aproximou-se dele e disse: “Não tenho nem ouro nem prata, mas o que tenho te dou. Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!” (Atos 3:6), e a Bíblia relata que o homem foi curado imediatamente, e entrou com ele no templo louvando a Deus e exultando de alegria. Através desse episódio, podemos afirmar que Pedro era tão dependente de Jesus, que pode enxergar a real necessidade do homem, não sendo ela financeira, mas a cura física e emocional. Além disso, deixa claro em sua fala que não fizera por seu próprio esforço ou mérito, mas apenas pelo poder de Deus que habitava nele.

Muitos outros personagens bíblicos exteriorizam a sua dependência de Deus nesse estágio da etapa da salvação. Nos exemplos dados acima, de Davi e Pedro, se lermos a história completa desses personagens, veremos eles passando pelas duas etapas iniciais dessa trajetória, quais são as de enxergarem em si a condição de pecadores e de terem a atitude de arrependimento, bem como as ações de confissão dos pecados e transformação de comportamento.

Para Jacó Armínio, Deus recompensa de diversas maneiras seus fiéis que compreendem a importância de colocarem suas vidas na dependência dEle, além de auxiliá-los em suas tribulações:

[...] As pessoas que foram enxertadas em Cristo, pela fé verdadeira, e assim tem se tornado participantes de Seu precioso Espírito vivificador, dispõem de poderes suficientes (ou) forças para lutar contra Satanás, contra o pecado, contra o mundo e a sua própria carne, e para obter a vitória sobre esses inimigos, mas não sem a ajuda da graça do mesmo Espírito Santo. Jesus Cristo, também pelo Seu Espírito Santo, as auxilia em todas as tentações que enfrentam, e lhes proporciona o pronto socorro de Sua mão; também entendo que Cristo as guarda não as deixando cair, desde que tenham se preparado para a batalha, implorando a Sua ajuda, e não querendo vencer apenas por suas próprias forças. (ARMÍNIO, 2015, p.232).

Lutero, o principal nome responsável pela Reforma Protestante, em seu leito de morte, ao ser perguntado por seu amigo Justus Jonas se ele queria morrer firme em Cristo e na doutrina que ensinou, responde: “Sim!”. E suas últimas palavras foram: “Nós somos mendigos. Esta é a verdade”.

Essa resposta de Lutero apenas corrobora com os textos elencados até aqui, de que todos os grandes personagens da história do cristianismo demonstram que compreenderam a necessidade de dependência de Deus que o homem possui. Ele escolhe a palavra “mendigo” não apenas para evidenciar a miséria humana, como em *O bicho*, de Manuel Bandeira, mas também para dar a ideia de que sem Deus, somos criaturas vazias, abandonadas, sem segurança ou conforto e carentes espiritualmente.

2.5 Confiança na salvação ao fim da vida

Chegamos por fim à quarta e última das etapas elaboradas a respeito da “trajetória da salvação”, que consiste na confiança do cristão quanto à sua salvação. Essa questão é bastante discutida no âmbito da teologia, tanto pela tradição católica, como pela protestante.

A teoria de Tomás de Aquino, que foi adotada pela Igreja Católica como dogma da confiança da salvação, consiste na virtude da esperança. Em seu documento *Quaestiones disputatae de virtutibus*, ele elabora a ideia de que a vida eterna é um bem árduo, porém possível, que é esperado da parte Deus em benefício aos seres humanos, baseados em Seus atributos como a onipotência e misericórdia, e que não podemos ter a certeza da salvação, mas apenas a esperança de que, pela Graça de Deus e pelos bons méritos, consigamos a vida eterna. Ele aponta também que a certeza da esperança é a certeza da fé, ou seja, se o homem tem a certeza de sua fé, conseqüentemente terá a esperança de também ser salvo.

A escola de pensamento soteriológica protestante divide-se em dois principais nomes: Jacob Armínio e João Calvino. O teólogo holandês Jacob Armínio viveu no século XVI, tornou-se Doutor em Divindades e lecionou essa

disciplina na Universidade de Leiden. Sua teoria a respeito da salvação é aceita e ensinada pela maioria das denominações protestantes, como, por exemplo, a Assembleia de Deus, Metodista, Pentecostais, Neopentecostais e grande parte das Batistas. Sobre a questão da confiança da salvação, alega:

No que diz respeito à certeza (ou garantia) da salvação, a minha opinião é que é possível que aquele que crê em Jesus Cristo tenha certeza e esteja convencido, se o seu coração não o condenar, de que ele está agora na realidade da certeza de que é um filho de Deus e está na Graça de Jesus Cristo. Tal certeza é formada na mente, bem como pela ação do Espírito Santo atuando em seu interior, e pelos frutos da fé, a partir de sua própria consciência, e do testemunho do Espírito de Deus com a sua consciência. (ARMÍNIO, 2015, p. 233)

Portanto, para Armínio, existe uma possível certeza, em contraponto a uma esperança, e que ela é comprovada por um sentimento interno, que é dado pelo Espírito Santo. Ele deixa claro também que as evidências dos frutos da fé, como as boas ações por exemplo, são uma consequência da salvação, e não como algo a ser feito para atingir a esperança da salvação, como ensinado por Tomás de Aquino e pelas doutrinas da Igreja Católica. Alguns textos da Bíblia podem demonstrar alguns pontos dessa segurança.

O primeiro versículo-chave que pode corroborar com nosso argumento é o de Filipenses 1:6, que afirma: “Tendo por certo isto mesmo, Aquele (Deus) que em vós começou boa obra, a aperfeiçoará até o dia de Jesus Cristo¹⁸”. Ora, se Deus auxiliou e capacitou o ser humano desde o princípio nessa trajetória, que podemos relacionar com as três primeiras etapas da pesquisa, certamente ele não o abandonará na etapa final, mas o aperfeiçoará para que ele a conclua com êxito. Assim sendo, podemos perceber o primeiro ponto de uma promessa de segurança em relação à salvação.

Um outro indício dessa segurança pode ser observado, de semelhante modo que nas etapas anteriores, através do curso de vida de grandes personagens bíblicos. No livro de Hebreus, capítulo 11, a Bíblia relata um pouco da trajetória dos heróis da fé, como Moisés, Noé, Abraão e outros que estão relatados em outros livros, como o Rei Davi, que era denominado por “O homem segundo o coração de Deus”. Analisar o modo de vida, fé, e as ações dessas

¹⁸ O “Dia de Jesus Cristo” refere-se ao dia do Juízo Final, em que Jesus julgará todos os vivos e mortos para a salvação eterna ou condenação eterna

personagens, pode trazer uma luz sobre os aspectos externos produzidos por alguém que almeja a salvação divina.

A Confissão de Fé de Westminster, importante e principal documento sobre as doutrinas da fé Protestante Reformada afirma:

Uma infalível segurança da fé (é) fundada na divina verdade das promessas de salvação, na evidência interna daquelas graças a que são feitas essas promessas, no testemunho do Espírito (Santo) de adoção que testifica com os nossos espíritos sermos nós filhos de Deus (18:2).

Podemos concluir então que primeiramente a segurança da salvação se dá também por meio de evidências internas, um sentimento, uma certeza em seu próprio espírito quanto à salvação; Em seguida, por meio de evidências externas, através de ações concernentes ao verdadeiro cristão, como fé, amor, compaixão, caridade e muitas outras que podem ser observadas em importantes figuras bíblicas tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Outros trechos da Bíblia Sagrada nos dão também algumas bases nas quais podemos para crer na certeza da salvação. Em I Coríntios 6:9-10, lê-se que os injustos, devassos, idólatras, adúlteros, efeminados, sodomitas, ladrões, avaros, bêbados e maldizentes não herdarão o reino de Deus; portanto, não alcançarão a salvação. Logo, podemos concluir que quem pratica o oposto disso, está no caminho certo em direção à sua salvação.

O ser humano que passou pelas etapas anteriores citadas aqui, teologicamente falando, pode guardar no coração a certeza da salvação. Podemos resumir, de maneira geral, a certeza da salvação, usando o versículo de 1ª João 5: 11-13, em que o apóstolo Paulo afirma: “E este é o testemunho: Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu filho. Quem tem o filho, tem a vida; quem não tem o filho, não tem a vida. Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que creem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que tem a vida eterna”.

Aqui, Paulo está afirmando que a salvação se resume em Cristo, e naqueles que creem nEle e em seus mandamentos. Então, devemos conhecer o que Cristo falou sobre a salvação também: “Quem crer e for batizado será salvo; quem não crer, será condenado” (Marcos 16:16). A fé, como dito várias vezes anteriormente, é crucial e, sem ela, é impossível que alguém encontre salvação, ou que agrade a Deus (Hebreus 11:6). Jesus também coloca o

batismo, que representa a morte do homem natural, portador do pecado original de Adão, para o nascimento de um homem regenerado, limpo e purificado do mal, que reconhece seus pecados e limitações, como também a soberania de Cristo, para que o homem alcance a salvação.

Em Lucas 13:23, uma pessoa pergunta a Jesus se serão poucos os que serão salvos, no que Ele responde: “esforcem-se para entrar pela porta estreita, pois muitos tentarão e não conseguirão”. Aqui Jesus faz uso de uma metáfora para se referir ao fato de que a vida eterna não é simples de se alcançar. Exige muito esforço e renúncia (Mateus 16:24). Em João 10:9, Jesus reitera que só pode haver salvação através dEle dizendo: “Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. Entrará e sairá, e encontrará pastagem” (descanso). Em 24:13, diz: “Mas aquele que perseverar até o fim será salvo”. Aqui Jesus ressalta a importância do cristão se manter alerta em todo momento, perseverar e permanecer fiel até o fim, para obter a salvação.

No livro de Lucas, capítulo 9, versículo 24, Cristo ensina mais uma característica dos salvos: O sacrifício. Jesus afirma: “Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará”. Vale lembrar que após a morte e ressurreição de Cristo, muitos dos seus seguidores foram mortos por causa de sua fé, assim como ainda acontece nos dias atuais.

O teólogo puritano John Owen (1616-1636), a respeito dessa confiança do cristão na sua própria salvação, alega em seu ensaio denominado “A Perseverança dos Santos”:

Que você e todos os santos de Deus possam já gozar daquela paz e consolação que está em se crer que o amor de Deus é imutável, que Ele é fiel em suas promessas, que seu pacto, ratificado na morte do seu Filho, é imutável, que os frutos da aquisição de Cristo serão certamente concedidos a todos aqueles por quem ele morreu, e que todo aquele que está realmente interessado nessas coisas será guardado para a salvação, é o objetivo da minha presente declaração e protesto. (OWEN, 2017, p. 94).

Para ele, a certeza da salvação certamente aconteceria, caso o indivíduo em seu íntimo, cresse em todos os tópicos elencados ali.

Segundo o Pastor Dr. Hernandes Dias Lopes, da Igreja Presbiteriana do Brasil, outra maneira de termos a convicção da salvação baseia-se no texto de Efésios 1:4, onde o apóstolo Paulo afirma que “Deus nos escolheu nEle antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença”. Portanto, se manifestamos uma vida de busca por santidade e conseqüentemente nos tornarmos irrepreensíveis, ou seja, sem acusação da parte divina de uma vida pecaminosa, podemos ter a certeza de que somos salvos.¹⁹

São Tomás de Aquino, na Suma Teológica, reafirmando a preocupação de se mostrar evidente que todo o mérito da salvação vem de Deus e nunca dos seres humanos, conclui que “a esperança (da salvação) não se apoia principalmente na graça já recebida, mas na onipotência e misericórdia divina, pela qual mesmo quem não tenha recebido a graça pode obtê-la, para assim chegar à vida eterna. E assim, quem possui fé, está certo da onipotência de Deus e Sua misericórdia”.

Após o panorama teológico apresentado neste capítulo, encerramos aqui a elaboração das quatro etapas da salvação, evidenciando como ela acontece e quais são as suas implicações. Veremos agora essas características manifestadas através do eu-lírico dos poemas religiosos de Gregório de Matos escolhidos para essa pesquisa.

¹⁹ Fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W9DQbHe061k>

Capítulo 3

Gregório de Matos e a “trajetória da salvação”

Este capítulo foi construído à luz de obras acerca da teoria da poesia, com ênfase em *O ser e o tempo da poesia* (1993), de Alfredo Bosi e *O arco e a lira*, de Octavio Paz. No que concerne às questões estruturais dos poemas, recorreremos ao livro *Os Metros do Boca*, de Rogério Chociay, especialista e estudioso da teoria do verso nos poemas de Gregório de Matos. As referências bíblicas serão sempre baseadas na versão e tradução da Bíblia Sagrada NVI (Nova Versão Internacional), da Editora Vida, ano 2003. As análises serão amplamente voltadas às questões de cunho teológico, visto que por esse caminho poderemos trabalhar na verificação da hipótese levantada.

A mensagem central do cristianismo é a salvação em Jesus Cristo, mediante a Graça redentora, que é dada gratuitamente por Deus a todos os pecadores arrependidos. Segundo a doutrina bíblica, todo homem é pecador, e sem Deus ele jamais pode obter a salvação eterna de sua alma. Então, Deus oferece sua graça ao pecador, que, se aceitar e se arrepender de seus pecados, crer que Jesus é o filho de Deus e que sua morte na cruz foi para a expiação dos

pecados, então Deus perdoa o pecador e Ihe concede a salvação. É possível perceber que o poema a seguir é análogo a esse mesmo raciocínio.

Poema 1 – (A Nosso Senhor Jesus Cristo Com Actos de Arrependimento e Suspiros de Amor)

Ofendi-vos, Meu Deus, bem é verdade,
É verdade, meu Deus, que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha à vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido;
Vencido quero ver-me, e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,

A salvação pertendo em tais abraços,
Misericórdia, Amor, Jesus, Jesus.²⁰

Trata-se de um soneto (dois quartetos e dois tercetos) decassílabo, portanto regular, com rimas intercaladas nos quartetos e emparelhadas nos tercetos (ABBA, ABBA, CDE, CDE) e com tonicidade na terceira, sexta e décima sílaba poética. O verso decassílabo era o mais comum aos poetas do século XVI, devido a fato de ser de vigoroso efeito sonoro, como nos versos de *Os Lusíadas*, de Camões. Portanto, apresenta uma regularidade formal métrica e rítmica. O léxico culto e a sintaxe confessional também se manifestam nos poemas religiosos de Gregório de Matos. O restante da análise estrutural pode ser percebida aliada à interpretação da poesia. Os quatro poemas que serão analisados nesse capítulo possuem a mesma estrutura que este primeiro (exceto o último, onde as rimas dos tercetos apresentam o esquema CDC em vez de CDE, mas que não afeta nada na métrica, léxico ou sintaxe). Sendo assim, o que analisarmos neste, vale de igual modo aos outros três, sem haver a necessidade de repetirmos as mesmas informações desnecessariamente.

Através da primeira estrofe, bem como pelo título, faz-se evidente o fato de que o eu-lírico dirige-se diretamente a Deus, e temos a confissão do pecado pelo pecador, seguido ao desejo de arrependimento.

É interessante notar que essa manifestação de consciência de ser um pecador, expressada pelo eu-lírico, concorda com a primeira e a segunda etapa da “trajetória da salvação” expostas no capítulo anterior da pesquisa, na qual um ser humano necessita trilhar para almejar a salvação divina. A Bíblia Sagrada é clara em relação a isso: todos as pessoas que alcançariam a salvação divina, antes de tudo deveriam reconhecer que eram pecadores e que necessitavam do perdão de Deus pelos seus atos falhos, pois sem isso a misericórdia é impossível de ser manifesta. Na última ceia, Jesus diz aos seus discípulos enquanto dava-lhes de beber o vinho, que aquela bebida representava o sangue da aliança que seria derramado em favor de muitos para perdão dos pecados (Mateus 26:28), elaborando, assim, uma metáfora sobre o seu próprio sangue e sacrifício

²⁰ O poema está presente na coletânea “Gregório de Matos – Obra Poética” de James Amado, às páginas 68-69

consumados em sua morte na cruz. O apóstolo Paulo, considerado por unanimidade entre os cristãos como o maior apóstolo da história, deixa também muito claro em seus escritos sobre a importância do perdão dos pecados e do arrependimento para os cristãos. Ele afirma que o perdão dos pecados só é possível de se obter através de Jesus Cristo (Atos 13:28); que os profetas já haviam alertado também que isso só seria possível através do Messias prometido (Atos 10:43). A confissão dos pecados é essencial para que Deus nos ouça (Salmo 66:18).

Na segunda estrofe, o eu-lírico assume seus erros e pecados, mas reitera que está arrependido e que quer vencer essa sua natureza pecadora. Percebamos que ele se vale até da palavra “ vaidade”, que de acordo com o entendimento católico, é um dos sete pecados capitais. Essa estrofe “depreende que o Homem barroco se debate num conflito oriundo deste duelo entre espírito cristão e espírito secular, que leva a contrições como esta atribuída a Gregório de Matos” (FILHO, 1973, p. 139).

A Bíblia também relata essa batalha que o homem tem com seu próprio eu e a sua luta diária contra o pecado. Novamente, Paulo ensina que o homem é escravizado pelo pecado diariamente, e que mesmo quando deseja fazer o bem, não o consegue (Romanos 7: 21-23). No Evangelho de Marcos, lê-se também que todo o pecado provém do interior dos seres humanos (Marcos 7:21-23). Essas citações reforçam a questão já abordada anteriormente sobre a doutrina da Depravação Total. Entretanto, também apontam uma solução para a obtenção do perdão, através da morte sacrificial de Jesus Cristo e da confissão dos pecados a Deus.

A grande questão é que Gregório de Matos viveu em um país colonizado, em uma época na qual ainda não havia a livre análise das escrituras bíblicas e a Igreja Católica ainda operava com opressão sobre a sociedade, reforçando em seus discursos muito mais o fogo do inferno a que a salvação. Este fato contribui para entendermos o motivo de não apenas Gregório, mas outros poetas que viveram na mesma época sua, escreverem demasiadamente sobre pecados e demonstrarem com clareza o medo da perdição eterna. Afinal, ainda era comum durante o período de sua existência o fato de pessoas que confrontavam o discurso da Igreja Romana serem perseguidos, tachados de hereges, bruxos,

satanistas e serem mortos de diversas maneiras diferentes. De acordo com o professor e jornalista britânico Toby Green, o medo da inquisição romana no período medieval perpassava todas as classes sociais. Os mouros por exemplo viviam em tal estado de pavor que alguns chegavam a desmaiar quando avistavam algum colaborador da inquisição. Além disso, alguns documentos encontrados sobre a época relatavam que o medo era alimentado para que a população respeitasse a inquisição e que “o objetivo essencial do julgamento e da sentença de morte não era salvar a alma do acusado, mas fazer o bem público e aterrorizar as gentes” (GREEN, 2007. p. 28). Baseados nisso, podemos fazer ilações sobre o sentimento exasperado que o eu-lírico do poema exprime acerca do pecado que habita em si.

Ainda sobre a segunda estrofe do poema, podemos identificar que o eu-lírico emprega a figura de linguagem conhecida como anadiplose, um recurso estilístico que consiste na repetição da última palavra de um verso na primeira palavra do próximo verso, para dar a ideia de uma circularidade ou ciclo:

Maldade, que encaminha à **vaidade**,
Vaidade, que todo me há **vencido**;
Vencido quero ver-me, e **arrependido**,
Arrependido a tanta enormidade.

Com isso, o eu-lírico imprime no leitor a ideia de que o pecado na vida humana é um ciclo vicioso. E isso também pode ser comprovado através da Bíblia Sagrada. Citemos por exemplo a sociedade israelita retratada no livro de Juízes:

Sempre que o Senhor levantava um juiz, ele estava com o juiz e os salvava (israelitas) das mãos de seus inimigos enquanto o juiz vivia; pois o Senhor tinha misericórdia por causa dos gemidos deles diante daqueles que os oprimiam e os afligiam. Mas, quando o juiz morria, o povo voltava a caminhos ainda piores do que os caminhos dos seus antepassados, seguindo outros deuses, prestando-lhes culto e adorando-os. Recusavam-se a abandonar suas práticas e seu caminho obstinado (Juízes 2: 18-19).

Esse trecho exemplifica bem o ciclo vicioso de pecados que a sociedade israelita viveu durante séculos de registros do Antigo Testamento, consistindo na quebra do primeiro mandamento (Não terás outros deuses diante de mim), ocorrendo na punição desse pecado através da sujeição a um inimigo e culminando em uma vida de opressão, sofrimento e lamento. Então eles se arrependem de seus erros e clamam a Deus por perdão. Deus os perdoa e estabelece um juiz para liderar o povo e jurar fidelidade a Ele. Quando ocorre a morte daquele juiz, o povo retorna a uma vida desobediência e à prática da idolatria, que faz com que a ira de Deus sobrevenha novamente e o ciclo se repita mais uma vez. Para se ter uma ideia dessa repetição, a Bíblia relata que Israel teve quatorze juízes.

Tais passagens servem para ilustrar como o pecado, através do panorama histórico bíblico, domina o ser humano, o escraviza e o faz viver em ciclos viciosos; bem como denotar e fazer coro à doutrina da Depravação Total, comprovando que por nossos próprios méritos, jamais conseguiremos alcançar o perdão e a Graça Salvífica de Deus, pois estamos na condição de mortos espiritualmente em ofensas e pecados (Efésios 2:1), e necessitamos do sacrifício de Cristo e da confissão dos pecados para sair desse estado e, a partir de então, experimentar uma nova vida baseada nas promessas de Salvação de Jesus Cristo. É precisamente nesse ponto de transição que o eu-lírico do poema se encontra nesse momento, pois já se deu conta que sua vida baseia-se nesse ciclo, e que há uma necessidade de mudança interna.

Sonoramente, a anadiplose presente nos quartetos do poema, tem o efeito sensorial no leitor de um distanciamento; uma queda:

Ofendi-vos, Meu Deus, bem é **verdade**

É **verdade**, meu Deus, que hei **delinqüido**,

Delinqüido vos tenho, e **ofendido**,

Ofendido vos tem minha **maldade**.

Maldade, que encaminha à **vaidade**,

Vaidade, que todo me há **vencido**;

Vencido quero ver-me, e **arrependido**

Arrependido a tanta enormidade

Notemos que existe uma queda, um afastamento gradual. Isso representa o homem se distanciando cada vez mais de Deus por seus pecados. Representa a própria queda de Adão, o primeiro homem, refletida ainda na humanidade. É o pecado afastando o homem das coisas celestes e o levando ao inferno.

Entretanto, o eu-lírico, ao mesmo tempo que exhibe a queda do homem em função de seus pecados, apresenta também a solução. Reparemos que a anadiplose é interrompida no poema entre os versos 8 e 9, justamente na palavra “arrependimento”. Portanto, quando o homem se mostra arrependido de seus pecados, imediatamente cessa de tal queda, e ele começa a voltar-se a Deus novamente.

É interessante atentarmos-nos de igual maneira a dois pontos importantes na estrutura do poema, que reforçam as características do barroco, como o dualismo, bem como uma chave importante do entendimento humano acerca da salvação. Reparemos que a palavra “Deus” aparece logo no primeiro verso:

Ofendi-vos, meu **Deus**, é bem verdade

E o eu-lírico utiliza a palavra “Jesus” apenas no último verso:

Misericórdia, Amor, **Jesus, Jesus**

O eu-lírico utiliza então Deus no primeiro verso e Jesus no último. Podemos inferir a partir disso a ideia de um Deus no céu (no topo, no primeiro verso) que enviou o seu filho Jesus encarnado para a Terra (embaixo, último verso) para a propiciação dos pecados. E que somente através de Jesus podemos chegar até Deus, como o próprio Jesus afirma em João 14:6 “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao pai, senão por mim”. Percebamos então que a salvação descrita aqui acontece, imageticamente falando, de maneira vertical. E isso também é corroborado biblicamente, quando, após o último suspiro de Jesus Cristo na cruz, o véu do templo se rasga em duas partes, de alto a baixo, conforme relatado em Mateus 27:50-51. A ação do véu se rasgando em dois de alto a baixo simboliza justamente que o sacrifício de Cristo abriu o caminho novamente para a presença de Deus. O homem finalmente, depois de Adão e Eva, pode chegar-se a Deus novamente através do sacrifício de Jesus pelos seus pecados, que restaurou a ligação entre o homem e Deus, antes rompida pelo pecado.

Ainda sobre essa relação vertical entre Deus e o homem, os estudiosos Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin afirmam: “Construir uma torre que chegue até o céu (em referência à Torre de Babel de Gênesis 11), é a pretensão da cidade de levar ao máximo sua autossuficiência e assim tornar-se onipotente, usurpando o lugar de Deus. [...] A ironia é que quando a torre sobe, Deus desce para ver o que a cidade está construindo. [...] Aliás, o conjunto todo da Bíblia mostra que o movimento de Deus é descer até se encarnar, assumindo a história para construir com os homens o seu projeto. Esse movimento de Deus é a maior crítica ao orgulho humano. (STORNILO & BALANCIN, 1997, p. 30-31).

Nas duas estrofes que encerram o poema e que examinaremos adiante, percebemos que o eu-lírico foi alcançado pela graça divina, que faz com que o homem se dê conta dos seus pecados e da única solução possível para lograr a salvação eterna.

O primeiro dos dois tercetos do poema relatam uma sensação de real contrição por parte do eu-lírico, pois, por duas vezes, vale-se da palavra “coração” para evidenciar que o sentimento de arrependimento que sente é extremamente sincero, bem como para demonstrar que o anseio pela salvação

de sua alma também o é. Em seguida, cita os braços de Jesus, onde busca seu descanso e sua ajuda. Os braços representam acolhimento, esse sentido ficando mais evidente no verso “Abraços, que me rendem vossa luz”, pois primeiro os braços estavam abertos para receber um pecador arrependido, e, em seguida, os braços de Cristo estão abraçando-o.

Por fim, o segundo terceto representa o momento em que todo o pecador que é alcançado definitivamente pela Graça Salvífica divina compreende: que só existe um caminho, uma verdade e uma vida que conduzem a salvação. Jesus Cristo (João 14:6). E a Bíblia nos dá respaldo para afirmarmos que o eu-lírico neste momento está começando a trilhar o mesmo caminho que todos os maiores exemplos bíblicos de cristãos, quando afirma que só é possível reconhecermos e expressarmos verdadeiramente que “Jesus é o Senhor” por intermédio do Espírito Santo (I Coríntios 12:3), que é concedido unicamente aos verdadeiros cristãos. Ou seja, apenas aqueles que foram atingidos por essa Graça e assim podem responder positivamente ao chamado do Evangelho, é que podem reconhecer a soberania de Jesus Cristo como único salvador da humanidade, e somente esses também podem declarar que amam verdadeiramente a Jesus (I João 4:2 e I João 5:1). E, quando o eu-lírico declara com todo o fervor nos últimos dois versos, que a salvação só é encontrada em Jesus, e pede misericórdia e amor para seguir nessa jornada de comunhão com Deus, podemos afirmar, com base nas citações bíblicas anteriores, que se trata de um ser que a teologia denomina como regenerado, ou seja, uma pessoa que saiu do estágio de morte espiritual para viver uma vida espiritual plena em comunhão com Deus e pronta para viver os próximos “passos” da vida cristã, que elucidaremos nos próximos poemas.

De acordo com Rogério Chociay, o tom confessional desse poema dialoga muito bem com o seu recurso estilístico e estrutural, pois as palavras retomadas carregam o tema da *contrição: verdade, delinquido, ofendido, maldade, vaidade, vencido, arrependido, de coração, abraços, luz, a salvação*” o que culmina em uma rima equissonante, e seu efeito não se limita ao plano fônico, mas atinge o plano rítmico como um todo e o próprio conteúdo, pela insistência em ideias-chave (CHOCIAY, 1993. p. 94).

Além disso, a estrutura esquemática do poema, além da sua temática, se organiza de maneira muito semelhante a composição de um salmo bíblico de confissão e arrependimento dos pecados, como o Salmo 32 por exemplo. Vejamos.

SALMO 32

Poema de Davi

Como é feliz aquele que tem suas transgressões perdoadas e seus pecados apagados

Como é feliz aquele a quem o Senhor não atribui culpa e em quem não há hipocrisia

Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer

Pois dia e noite a tua mão pesava sobre mim; minhas forças foram-se esgotando como em tempo de seca.

Então reconheci diante de ti o meu pecado e não encobri as minhas culpas. Eu disse: Confessarei as minhas transgressões ao Senhor, e tu perdoaste a culpa do meu pecado.

Portanto, que todos os que são fiéis orem a ti enquanto podes ser encontrado; quando as muitas águas se levantarem, elas não os atingirão

Tu és o meu abrigo; tu me preservarás das angústias e me cercarás de canções de livramento

Eu o instruirei e o ensinarei no caminho que você deve seguir; eu o aconselharei e cuidarei de você

Não sejam como o cavalo ou o burro, que não tem entendimento, mas precisam ser controlados com freios e rédeas, caso contrário não obedecem

Muitas são as dores dos ímpios, mas a bondade do Senhor protege quem nele confia

Alegrem-se no Senhor e exultem, vocês que são justos! Cantem de alegria todos vocês que são retos de coração

(SALMO 32 - BÍBLIA DE ESTUDO NVI)

Reparemos, pois, na semelhança entre o poema de Gregório e o Salmo de Davi. Ambos começam os primeiros versos com a confissão dos pecados, seguidos pelo arrependimento e finalizando com a esperança do perdão divino. A intertextualidade bíblica é muito forte nos poemas religiosos de Gregório de Matos, principalmente com os salmos bíblicos, como podemos notar nesse poema e também nos próximos a serem analisados.

Pudemos perceber, portanto, através da análise desse primeiro poema, a presença constante do reconhecimento humano como condição de pecador diante de Deus, bem como sua atitude de arrependimento, que consistem na primeira das quatro etapas do processo de salvação proposto como hipótese desta pesquisa. Partimos então para a segunda etapa.

Poema 2 – (A Nosso Senhor Jesus Cristo)

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Antes, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória²¹

Neste poema, Gregório faz uma clara referência à parábola bíblica da ovelha desgarrada ensinada por Jesus Cristo. Ela se encontra nos evangelhos de Mateus e Lucas.

Todos os publicanos e pecadores estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: "Este homem recebe pecadores e come com eles". Então Jesus lhes contou esta parábola: "Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? E quando a encontra, coloca-a alegremente nos ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz:

²¹ O poema está presente na coletânea "Gregório de Matos – Obra Poética" de James Amado, às páginas 69-70

“Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida”. Eu digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se. (Lucas 15: 1-7).

A parábola da ovelha desgarrada ou ovelha perdida tem como tema central o arrependimento do pecado pelo pecador, simbolizado pela ovelha, e a misericórdia do pastor de ovelha, que vai atrás da ovelha que se perdeu e se regozija quando a encontra novamente, simbolizado por Jesus Cristo, que se alegra quando seus filhos vêm ao seu encontro arrependidos e os acolhe com amor.

Analisando a primeira estrofe, notamos a grande insistência que o eu-lírico possui com a questão do pecado. Se na análise do poema anterior a questão do reconhecimento do pecado, do arrependimento e do perdão foram tão evidenciadas e discutidas, e temos os outros aspectos da “trajetória da salvação” a trilhar, por que o eu-lírico insiste novamente em reconhecer seus pecados e pedir perdão? Na realidade, este fato somente comprova que ele aprendeu os ensinamentos de Cristo e o significado de uma vida cristã.

A Bíblia jamais promete que após a conversão a uma vida cristã, isto é, o momento que o ser humano reconhece Cristo como seu único possível salvador e decide viver uma vida baseada nos princípios bíblicos, que ele nunca mais vá pecar. Como herdeiros do pecado original de Adão e Eva, os homens sempre serão criaturas falhas e conseqüentemente sempre cometerão atos falhos. “E se dissermos que não temos pecado, nós nos enganamos e a verdade não habita em nós” (I João 1:8). O único ser humano que passou por essa Terra imaculado, sem cometer pecado algum, foi Jesus Cristo (I Pedro 2:22). O que a Bíblia relata é que um verdadeiro convertido não vive uma rotina de pecado, ou escravizado constantemente por um ou mais pecados (I João 3: 6,9). Insistentes alertas são anunciados pelos apóstolos de Jesus após a sua morte direcionado às comunidades cristãs que se estabeleciam após a morte e ressurreição de Jesus Cristo. O Apóstolo Paulo, certa vez, aconselhou a comunidade de Corinto com as palavras “Aquele que está de pé, cuide para que não caia” (I Coríntios 10:12), precisamente para lembrá-los de que o fato de trilhar uma vida cristã não os isenta de pecar.

No livro de Efésios, novamente Paulo, ao explicar de que maneira ocorria a salvação divina, deixa explícito que ela acontece única e exclusivamente pela

Graça de Deus e por meio da fé, e não, por exemplo, por boas obras realizadas, para que ninguém caia no pecado de se vangloriar de seus atos. (Efésios 2: 8-9). Na tradição católica, durante a liturgia da missa da quarta-feira de cinzas, o sacerdote coloca cinzas na testa dos fiéis com a finalidade de lembrá-los do texto sagrado que está registrado em Gênesis 3:19: “Lembra-te que és pó, e ao pó retornarás”, para que mantenham a humildade, se lembrem de que a morte é certa e que, portanto, devem continuar a depositar toda a confiança da sua salvação nas mãos de Deus e não em si próprios.

A inspiração para Gregório de Matos tratar com tanto conhecimento o tema do pecado nos seus poemas religiosos pode ter relação com sua própria vida. Em sua juventude, vivera de forma dissoluta, sem levar em consideração ainda as questões divinas e se importando apenas com os prazeres momentâneos e carnavais. O período sócio-histórico em que estava inserido, contribuía, talvez, para tais atitudes

Se errava (Gregório de Matos) e reincidia no erro, não era por cinismo em face da conduta humana e dos prazeres sensuais, mas sim arrastado pelo temperamento mais forte que a sua vontade e pelas facilidades do meio que o absorveu com as tentações espalhadas por toda parte, ao alcance da mão. Vivendo naquele exótico mundo americano – onde alguns adventícios chegavam a considerar que transporta a linha equatorial não havia mais pecado nem crime, tudo sendo permitido – entre negras, mulatas e índias facilísimas por sua condição servil, além disso prestigiado por sua bela figura, por sua posição social, pela auréola de cantor e poeta, que homem seria tão forte, tão virtuoso e tão prudente para resistir às solitações da própria sensualidade? (TEIXEIRA, 1972, p. 122)

Dessa maneira, podemos compreender melhor a situação do eu-lírico do poema no que concerne ao pecado e suas consequências espirituais, pois ele está vivenciando uma experiência nova e rememorando as lembranças do passado pecaminoso, o que lhe concede maturidade para seu crescimento como cristão e novo convertido.

Ainda na primeira estrofe, destacamos a questão do temor a Deus e do autoconhecimento pelo qual está passando. Em conversa com Deus, o eu-lírico assume que, mesmo após o início da sua “trajetória da salvação”, ele continua a pecar, mas que não significa que seja de forma deliberada ou porque tem prazer na desobediência, mas justifica afirmando que, no momento em que falha, busca com mais empenho o perdão divino. Essas atitudes retratam exatamente a

questão que foi citada há pouco acerca do cristão regenerado não ter mais o pecado como rotina ou escravo de si, mas sim como pecados provenientes da natureza adâmica do ser humano.

A benevolência e a misericórdia de Deus se fazem as temáticas principais contidas na segunda estrofe do poema. O eu-lírico destaca que, mesmo após cometermos tantos pecados que desagradam e acabam irando a Deus, Ele se mostra tão paciente e bondoso para com a humanidade, que basta apenas um gemido sincero do homem para que sua ira se abrande e então nos conceda o perdão. Esse trecho faz coro com alguns versículos que retratam sobre a bondade, a misericórdia e o amor de Deus para com seus filhos, como, por exemplo, o quarto da carta de Paulo ao povo de Éfeso. Também em Romanos 5:20 é declarado que “onde abundou o pecado, superabundou a Graça”, ilustrando novamente que a benevolência divina supera os pecados cometidos. Além disso, por via dos versos: “Que a mesma culpa, que vos há ofendido / vos tem para o perdão lisonjeado”, o eu-lírico declara que Deus é tardio em irar-se, pontualmente o que as escrituras sagradas declaram em Naum 1:3.

Podemos perceber essas emoções do eu-lírico também através da estrutura do texto. Notemos, por exemplo, que até o oitavo verso existe uma predominância das palavras terminadas com a vogal “o”:

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Antes, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Atentemo-nos também que, na maioria das vezes, são palavras que remetem a sentimentos negativos, melancólicos, tristes (pecado, delinquido, despido, gemido, ofendido). Por isso a repetição da vogal fechada “o”, que

também remete a esses sentimentos. A partir do nono verso, em que o eu-lírico então destaca as coisas positivas, como a misericórdia divina e perdão dos pecados, o autor então utiliza-se de palavras com a vogal aberta “a”, que remete a sentimentos alegres, positivos e de alívio:

Se uma ovelha perdida já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória

Mais uma vez então, através da utilização das vogais aberta (a) e fechada (o) representando sentimentos tristes e felizes, a dualidade barroca se faz presente no texto.

As duas últimas estrofes se completam em sentido. O eu-lírico se coloca no lugar dessa ovelha, afirmando que, se assim como na Bíblia (“como afirmais na sacra história”), o Senhor Jesus foi atrás da sua ovelha perdida, da mesma forma deve ir ao seu encontro, pois ele próprio é também uma ovelha perdida em seus pecados e transgressões. Esse é precisamente o pedido do salmista no Salmo 119:176: “Ando errante como ovelha desgarrada; procura o teu servo, pois não me esqueço dos teus mandamentos”.

E, por fim, o eu-lírico argumenta com Deus, dizendo que deve ser cobrado sim por seus pecados, mas que se na sacra história a ovelha perdida é perdoada quando se arrepende, ele também o deve ser. Aqui soa como se o eu-lírico estivesse chantageando a Deus ou cobrando-o quanto a cumprir a sua promessa de perdoá-lo. Caso contrário, como afirma o último verso, Deus estaria perdendo a sua Glória e a credibilidade, pois na Bíblia Ele promete o perdão aos arrependidos e se não fizesse o mesmo com o eu-lírico, a narrativa bíblica se mostraria falsa. Sobre o último parágrafo, o professor Alfredo Bosi analisa: “O gesto de perdoar, que deveria ser um ato de dar absolutamente [...], converte-se

em um ganho para Deus, ao passo que o ato de condenar resultaria em perda da sua glória (BOSI, 1992, p. 113).

Esse poema, assim como o analisado anteriormente, demonstra a existência de uma intertextualidade com um salmo bíblico. Notemos, por exemplo, as semelhanças dos trechos sobre pecado, arrependimento, confissão e desejo de mudança expressos no poema, com os seguintes versos do Salmo 51.

Salmo de Davi

Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor; por tua grade compaixão apaga as minhas transgressões

Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu pecado

Pois eu mesmo reconheço minhas transgressões, e o meu pecado sempre me persegue

Contra ti, só contra ti, pequei e fiz o que tu reprovias, de modo que justa é a tua sentença e tens razão em condenar-me

Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe

[...] Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova dentro de mim um espírito estável.

[...] Devolve-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito pronto a obedecer

[...] Ó Senhor, dá palavras aos meus lábios, e a minha boca anunciará o teu louvor

(SALMO 51 – BÍBLIA DE ESTUDO NVI).

Assim como no referido poema, Davi, no salmo 51, reconhece a si mesmo como pecador, clama por misericórdia, exterioriza arrependimento e a

necessidade de uma transformação de vida para alcançar a salvação. Podemos destacar também outras características predominantes no poema que são tipicamente barrocos a começarmos pela sua dualidade, que nesse poema, é dada pela temática principal do texto: Culpa x Perdão. Este soneto também possui uma temática condensada, com uma linearidade, um começo, um meio e um fim, que proporciona ao leitor a mensagem de algo completo, além da beleza estilística. As figuras de linguagem, outra característica barroca, se faz presente o tempo todo, como a metáfora (da vossa alta clemência me despido / Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada); anástrofe (Se basta a vos irar tanto pecado); paralelismo, através da repetição da palavra “se” nos versos 5º e 9º.

Além desses recursos, o poema possui tanto o cultismo quanto o conceptismo. Nas duas primeiras estrofes, através do jogo de palavras, do uso do hipérbato na inversão de frases, podemos identificar o cultismo. Já nas duas últimas estrofes, existe a presença do conceptismo, que é formado por argumentos, ideias e conceitos, como quando o eu-lírico se coloca no lugar da ovelha desgarrada, bem como em sua demonstração de confiança profunda em relação a Providência Divina.

Atentemo-nos em outro ponto interessante da estrutura. Gregório de Matos inicia o poema com a palavra “pequei”:

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado

E finda o poema com a palavra “glória”:

Perder na vossa ovelha a vossa glória

Podemos compreender através disso que a trajetória salvífica do homem inicia com a sua consciência do pecado, e termina com a glória, ou seja, a glória eterna, a vida eterna.

Mediante a análise desse segundo poema, pretendemos demonstrar que o eu-lírico evidenciou uma evolução e avançou para a segunda etapa que assim elaboramos como as quatro etapas da trajetória da salvação, uma vez que saiu do estado de morte espiritual baseado nas ilações elaboradas através do contexto do primeiro poema, para o estado em que começa a vivenciar os

aprendizados sobre os percalços da vida cristã presentes nesse segundo poema. Esse poema representa bem o que o Alfredo Bosi, em *O ser e o tempo da poesia*, expressa a respeito dessa relação poética entre o homem e Deus. Para ele, “o círculo dos sons e a presença fulminante das imagens compensariam o desejo tantas vezes frustrado de volta ao seio do Paraíso, onde o homem foi expulso pelo seu pecado”. E continua afirmando que “A fratura que abre a História é o pecado de origem: Separa-se Adão de lavé; Prometeu de Zeus. A ciência do bem e do mal e o fogo, eis as conquistas: o suor que não cessa, a ferida nas entranhas que não fecha. Esta a pena” (BOSI, 1993, p. 122). Ainda que tenhamos a consciência do anseio do eu-lírico pelo ato de retomar essa comunhão com o divino, ao mesmo tempo percebemos o abismo que impede esse *relegare* até o presente momento, que consiste no pecado de Adão e Eva herdado por toda a humanidade posterior.

Poema 3 – (Buscando a Cristo)

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, pra chamar-me

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.²²

Realizando-se a leitura do poema, observamos que o eu-lírico encontra-se diante da imagem (literal ou não) de Jesus Cristo. O poema como um todo exhibe o sentimento que o eu-lírico expressa diante da figura de Cristo e de tudo o que ela representa. Ele se vê necessitado de tudo o que a morte de Cristo na cruz pode oferecer a si.

Analisando estrofe por estrofe, podemos notar uma perspectiva interessante desenhando-se. No primeiro parágrafo, o eu-lírico cita os braços abertos de Cristo na cruz, pronto para oferecer perdão. No segundo, cita os olhos de Cristo, que estão abertos para o perdão dos pecados, mas fechados para a condenação. Aqui o poeta vale-se do uso de situações ambivalentes, característica típica do Barroco, que culmina em dupla interpretação: Os braços de Cristo são apresentados como abertos e cravados, seus olhos como despertos e fechados. No primeiro terceto, começa citando os pés pregados, como metáfora para representar que Deus não deixará ou abandonará o

²² O poema está presente no livro "Gregório de Matos", de Maria de Lourdes Teixeira, à página 126

pecador. Notemos que essa sequência representa o formato da cruz (braços, a cabeça e as pernas). O eu-lírico está diante da cruz em que Cristo foi crucificado. No quarto parágrafo ele finaliza discorrendo acerca da parte lateral do corpo de Jesus Cristo, que fora ferida por uma lança de um soldado, de acordo com o relato bíblico, para metaforizar de que quer permanecer sempre “ao lado” de Cristo. Essa imagem de Cristo crucificado origina metonímias no texto, que fazem parte dos argumentos apresentados pelo eu-lírico para convencer o leitor a respeito das qualidades divinas como a bondade, misericórdia e a atitude acolhedora. Esse poema representa bem o que afirma Octavio Paz em *O arco e a Lira*, quando escreve que “a poesia converte a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens.” (PAZ, 1982, p. 27).

Uma outra referência à imagem da cruz no poema pode ser observada na primeira estrofe, em que a aliteração provocada pela consoante “T” e as sílabas tônicas em que essa letra também se faz presente, fazem alusão ao som das marteladas dos pregos nas mãos de Jesus. Do mesmo modo que a própria letra “T” possui o formato de uma cruz. Convidamo-los a fazer uma leitura em voz alta da primeira estrofe, a fim de perceberem tais características presentes:

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

O eu-lírico, então, retrata no poema não apenas a figura pessoal de Cristo, mas de suas características e de tudo o que Ele representa para os cristãos. Analisando o poema detalhadamente, podemos ver claramente essas referências de acordo com o que a Bíblia também afirma sobre a pessoa de Jesus Cristo.

Na primeira estrofe, o eu-lírico afirma categoricamente que os braços de Cristo estão sempre abertos para abraçar o pecador e perdoá-lo de seus pecados. A Bíblia realmente aponta para Cristo como aquele que tem o poder de livrar o mundo do pecado. João Batista, importante personagem bíblico, era

primo de Jesus por parte de mãe, e era um profeta daquele tempo. Ele anunciava o Reino de Deus, batizava pessoas e afirmava que estava apenas preparando o caminho para a vinda do Salvador. Certo dia, João Batista estava próximo ao Rio Jordão e viu Jesus vindo em sua direção. A Bíblia relata: “No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e exclamou: Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1: 29) Em outra passagem: “Se confessarmos os nossos pecados, Ele (Jesus) é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1:9).

Na segunda estrofe, o poeta faz uma referência aos olhos de Cristo, que estão sempre abertos para o perdão e fechados para a condenação. Podemos relacionar a questão da figura dos olhos com um salmo do Rei Davi: “O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra. Ele (Deus) não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita, nem dorme, o guarda de Israel”. (Salmo 121: 2-4). O profeta Isaías também faz referência aos “olhos” de Deus: “Eu, o Senhor, sou o seu vigia, rego-a constantemente e a protejo dia e noite para impedir que lhe façam dano” (Isaías 27:3).

Nos tercetos, percebemos que o poeta utilizou a anáfora como figura de linguagem, que consiste na repetição de uma ou mais palavras no início dos versos:

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, pra chamar-me

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

A repetição das palavras “A vós” várias vezes no texto incute na mente do leitor tal som. E, conseqüentemente, devido à repetição, “a vós” acaba tornando-se em “a voz”. O poema em si trata de uma súplica, uma oração, e no

cristianismo a voz tem um papel importante. As orações são importantes para o cristão, e Deus ouve essas orações, como podemos comprovar nos versículos a seguir: “Na minha angústia, clamei ao Senhor; clamei ao meu Deus. Do seu templo ele ouviu a minha voz; o meu grito de socorro chegou aos seus ouvidos” (2ª Samuel 22:7); “Ao Senhor clamo em alta voz, e do Seu santo monte Ele me responde (Salmo 3:4). Vale lembrar também que, de acordo com a narrativa bíblica, o mundo também surge através da voz e da palavra (Gênesis 1: 1-31).

É considerável atentar também a esse trecho, que os versos 5, 9, 10, 11, 12 e 13 constituem-se com a omissão das palavras “correndo vou”, presentes no primeiro verso. Esse processo estilístico é denominado de zeugma. Dessa maneira, o trecho citado também pode ser lido destarte:

A vós, (correndo vou) divinos olhos, eclipsados

A vós, (correndo vou) pregados pés, por não deixar-me,

A vós, (correndo vou) sangue vertido, para ungir-me,

A vós, (correndo vou) cabeça baixa, pra chamar-me

A vós, (correndo vou) lado patente, quero unir-me,

A vós, (correndo vou) cravos preciosos, quero atar-me

Por fim, na última estrofe, o poeta utiliza-se de um recurso estilístico conhecido como fusionismo, para dar a ideia de que o eu-lírico deseja estar atado à pessoa divina, até mesmo literalmente, preso com os mesmos cravos que estão prendendo Jesus a cruz, para que se tornem um ser único. Assim como nos poemas anteriores, o eu-lírico evidencia tal fato através do jogo de palavras com a primeira e última palavra do poema:

A vós, correndo vou, braços sagrados

Para ficar unido, atado e **firme**

Percebamos que se lermos o primeiro verso e o último, como se fossem uma única frase, também apresenta o mesmo sentido (A vós correndo vou, braços sagrados, para ficar unido, atado e firme). Esse fato também serve para oferecer ao leitor uma ideia da magnitude de sua gratidão a Deus pelo sacrifício de Jesus em prol da salvação dos homens, bem como expressar a segurança que ele sente em Cristo.

Este terceiro poema representa a terceira etapa da trajetória da salvação, que consiste em um sentimento de dependência total de Deus. O ser humano que chega até essa parte da tal trajetória, percebe e exterioriza o sentimento de total dependência divina para que permaneça firme no caminho da salvação e que somente com a ajuda de Deus ele tem a certeza de que não vai recair nos mesmos erros da vida pecaminosa, agora só existente em sua memória, não mais em seus atos. O texto denota também um amadurecimento intelectual do eu-lírico a respeito das doutrinas cristãs do pecado, arrependimento, amor e da perseverança da salvação.

Poema 4 – (A Cristo Nosso Senhor Crucificado)

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja Lei protesto de viver,
Em cuja Santa Lei hei de morrer,
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,

Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai, manso cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu delito;
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Essa razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei neste conflito,
Espero em vosso amor de me salvar.²³

Não poderíamos optar por outro soneto que não fosse este para retratar a quarta etapa da trajetória da salvação percorrida pelo eu-lírico dos poemas religiosos gregorianos. O fim da trajetória cristã está retratado de maneira belíssima neste poema. Nele, encontramos o fim da vida terrena do cristão e a certeza de sua salvação, para o início de uma nova vida que será eterna, na companhia de Deus e de todos os salvos, em um lugar celestial onde não haverá mais tristeza, nem dor, nem choro; apenas alegria e gozo eterno (Apocalipse 21:4).

O soneto é de uma emoção intensa, do início ao fim. É um soneto de súplica de salvação a Deus. Lendo o poema inteiro, percebemos que trata-se de uma pessoa que está em seu leito de morte e aproveita o pouco tempo que lhe resta para refletir sobre a sua existência e sobre o seu futuro. Na primeira estrofe, o eu-lírico traz à memória suas convicções de que viveu uma vida debaixo da lei e da obediência a Deus, e expressa seu desejo de que na morte não deseje que ocorra de maneira diferente. Ele quer morrer como viveu, ou seja, com gratidão a Deus, obedecendo Seus preceitos e atento para a sua salvação.

A Bíblia relata sobre casos de apostasia, que consiste no abandono da fé cristã. Temos diversos relatos nela de pessoas que cometeram tal ato. Podemos

²³ O poema está presente na coletânea “Gregório de Matos – Obra Poética”, de James Amado, à página 69

citar, como exemplo, o Rei Salomão, que viveu uma vida toda de comunhão e obediência a Deus, mas no fim de sua vida abandonou a fé e provavelmente não tenha obtido a salvação eterna. Conhecedor de tais doutrinas, Gregório, portanto, enfatiza essa necessidade de buscar pela salvação até o fim da sua vida e exterioriza esse conhecimento por intermédio do eu-lírico de seu poema.

Ele finda a estrofe valendo-se quatro adjetivos que considera ter vivenciado de maneira fiel durante sua caminhada cristã: animoso, constante, firme e inteiro. Gregório pode ter se baseado na escolha de tais palavras para empregar em seu poema, de um versículo que está na segunda carta a Timóteo: “Eu já estou sendo derramado como uma oferta de bebida. Está próximo o tempo da minha partida. Combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé” (2 Timoteo 4: 6-7). Esse versículo é escrito pelo apóstolo Paulo, cuja temática é a mesma do poema gregoriano. Paulo relata que sente o fim de sua vida se aproximando. Uma vida dedicada à propagação do Evangelho de Jesus Cristo. Logo em seguida, faz julgamento de si mesmo, acreditando que fez um bom trabalho naquilo que lhe fora destinado a fazer, concluindo com êxito, além de conseguir conservar sua fé. Percebamos, assim como ocorre com o eu-lírico no poema, a preocupação de Paulo em, mesmo depois de relatar que tudo o que fez na vida foi para a obra de Deus, ainda enfatiza a importância de manter a fé viva até o fim. O mesmo sentimento de dever cumprido expressado por Paulo na última sentença do versículo, se faz presente no último verso do poema com os adjetivos usados: animoso, constante, firme e inteiro.

Esse linear angustiante entre a vida e a morte, Gregório retrata na primeira estrofe através do uso de antítese

Em cuja lei protesto de **viver**

Em cuja santa lei hei de **morrer**

A segunda estrofe pode ser até interpretada como um desafio a Deus. Os eu-líricos dos poemas gregorianos geralmente possuem uma característica em comum: são exemplares em tratar com o devido respeito e temor as causas divinas, contudo, sem perder o que suponhamos ser uma espécie de senso de humor e um hábil manuseio das palavras, a fim de se colocarem como

merecedores de algo que almejam. Novamente, nesse ponto ele reforça a ideia de que sabe que irá morrer em breve (Neste lance, por ser o derradeiro /Pois vejo a minha vida anoitecer) e, portanto, lança o tal desafio a Deus, alegando que é chegada a hora de colocar a prova as promessas bíblicas sobre a qualidade divina de um perdoador de pecados e de um pai bondoso e brando (É, meu Jesus, a hora de se ver/ A brandura de um pai, manso cordeiro). Ou seja, que está prestes a chegar o momento em que ele verá todos os fatos que creu em vida, tornando-se realidade. Notemos que o eu-lírico vale-se de duas palavras interessantes nesse momento: brandura e cordeiro. Brandura, pois ele se assume pecador, mas um pecador arrependido, e por isso deseja que Deus seja primeiramente brando e não o castigue por seus muitos pecados. Em seguida, cordeiro, pois Cristo é o Cordeiro que tirou o pecado do mundo, e assim consequentemente o dará a salvação almejada.

Ainda acerca da segunda estrofe, ao tratar da temática da morte, Gregório utiliza de eufemismos, figura de linguagem característica do barroco, para representar tal ideia:

Neste **lance**, por ser o **derradeiro**

Pois vejo a minha **vida anoitecer**

Na terceira estrofe, é interessante notar o jogo de palavras usado por Gregório. Ele usa duas medidas iguais para comparar duas coisas antagônicas: o amor proveniente de Jesus Cristo e o pecado, que não faz parte do caráter de Jesus, visto que, segundo a narrativa bíblica, jamais cometeu pecado algum (Muito grande é vosso amor e meu delito) e encerra essa estrofe dispondo-se do mesmo artifício, pois afirma que, caso seja da vontade de Deus, pode haver fim todo o pecado, mas o amor de Cristo jamais chegará ao fim, visto que é eterno. Na estrutura dessa terceira estrofe, podemos perceber o uso novamente da antítese, quando o eu-lírico contrasta o pecado com o amor divino:

Porém pode ter **fim** todo o pecar,

E não o vosso amor que é **infinito**.

Devemos nos atentar também ao fato de que esse poema possui características conceptistas, pois o eu-lírico utiliza de silogismos e sofismas com o objetivo de convencer o leitor através de algumas premissas. Por exemplo, no primeiro terceto do poema, existe a premissa de que o amor de Cristo é infinito e salva o pecador:

Mui grande é vosso amor e meu delito;

Porém **pode ter fim todo o pecar**

E não o vosso amor, que é infinito

A segunda premissa, é a de que ele próprio é um pecador assumido:

Mui grande é vosso amor e **o meu delito**

[...] Que **por mais que pequei** nesse conflito

Se o amor de Cristo é infinito e salva o pecador, e eu me assumo como um pecador, logo eu aguardo por essa salvação que vem através do amor:

Espero em vosso amor de me salvar

Para consumir nossa análise, temos a quarta estrofe do poema, na qual o eu-lírico finalmente se despede dessa vida e do leitor, com a esperança de que vai ser salvo por Deus. Os versos empregados ali testificam toda essa trajetória de altos e baixos no seu relacionamento com Deus, durante toda a sua existência terrena. Ele afirma que por essa razão (do amor infinito de Deus) ele confia de que esse mesmo amor vai providenciar a salvação eterna de sua alma, mesmo tendo cometido pecados em vida. Esse trecho lembra muito a passagem bíblica do ladrão na cruz ao lado de Jesus. Acompanhemos:

Dois outros homens, ambos criminosos, também foram levados com ele, para serem executados. Quando chegaram ao lugar chamado Gólgota, ali o crucificaram (Jesus) com os criminosos, um à sua direita e o outro à sua esquerda... [...] Um dos criminosos que ali estavam dependurados lançava-lhe insultos: “Você não é o Cristo? Salve-se a si mesmo e a nós!”. Mas o outro criminoso o repreendeu, dizendo: “Você não teme a Deus, nem estando sob a mesma sentença? Nós estamos sendo punidos com justiça, porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem. Mas este homem não cometeu nenhum mal”. Então ele disse: “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu

Reino”. Jesus lhe respondeu: “Eu lhe garanto: hoje você estará comigo no Paraíso”. (Lucas 23: 39-43)

Da mesma sorte que o ladrão ao lado de Jesus, o eu-lírico em seu leito de morte confia no amor de Jesus e no perdão de seus pecados. O ladrão faz seu último pedido diretamente a Cristo, enquanto o eu-lírico também o faz. O episódio do ladrão também evidencia que, por mais que o ser humano peque, desde que ele se arrependa dos seus pecados, mesmo que na última hora, pode ter parte com Deus na eternidade. Essa é a segurança do eu-lírico. Sobre essa questão da certeza do perdão dos pecados e da salvação de sua alma que Gregório escreve nesse poema, o professor José Aderaldo Castello afirma:

A intervenção divina, redimindo-nos, só é possível depois da morte. Durante a vida, é a condição humana que impera, o homem à imagem do próprio homem, isto é, do pecado, envolvido, contudo, por um vago tormento ou remorso, de natureza conflitiva e gerado pela esperança da salvação extraterrena, esperança que se intensifica no desalento final da vida”. (CASTELLO, 1981, p. 79).

Grandes personalidades demonstraram ter a convicção de sua salvação, durante toda a vida ou mesmo no leito de morte. Em documentos históricos do cristianismo, pode ser encontrada a carta enviada a Roma por Inácio de Antioquia, um dos Pais da Igreja, já citado anteriormente nessa pesquisa, em que ele, após ser preso a mando do Imperador Trajano e condenado à morte por sua fé (jogado em uma cova de leões para ser devorado), expressa alegria por ser digno de martírio e em determinado trecho, escreve: “Sou trigo de Deus. Quero ser triturado e moído pelos dentes das feras, a fim de me converter em pão puro de Cristo” (Inácio aos Romanos 4: 1-2), provavelmente referindo-se ao versículo 52 da primeira carta do apóstolo Paulo aos coríntios, no capítulo 15, onde ali se lê que os fiéis em Cristo após a morte ganharão um novo corpo, transformado e incorruptível, para viver por toda a eternidade com Deus. Na Bíblia, encontramos por exemplo o relato acerca de Estevão, que foi apedrejado pela população por sua fé em Jesus Cristo, e instantes antes de morrer, orou dizendo: “Senhor, recebe o meu espírito e não considere estas pessoas (que o apedrejavam) culpadas desse pecado” (Atos 7: 59-60).

A leitura desses poemas nos coloca no centro do drama vivido pelo eu-lírico. Todas as suas emoções e sensações são descritas de tal maneira que o poema se torna imagético e sensorial. O leitor é convidado a compartilhar delas e vivenciá-las, além de imaginar-se no lugar do eu-lírico. A respeito dessa experiência do poema, Octavio Paz propõe que:

A experiência pode adotar esta ou aquela forma, mas é sempre um ir além de si, um romper os muros temporais, para ser outro. Tal como a criação poética, a experiência do poema se dá na história, é história e, ao mesmo tempo, nega a história. O leitor luta e morre com Heitor, duvida e mata com Arjuna, reconhece as rochas natais com Odisseu. Revive uma imagem, nega a sucessão, retorna no tempo. O poema é mediação. (PAZ, 1982, p. 30).

Como a temática da salvação da humanidade através de Jesus Cristo é universal, essa experiência de que fala Paz, fica ainda mais nítida, visto que, enquanto o cristianismo possuir influência no mundo, poemas como os retratados nessa pesquisa serão sempre atuais aos leitores, ainda que escritos há séculos ou milênios.

É interessante notar, acerca da questão estrutural, que, assim como no poema “A Nosso Senhor Jesus Cristo” analisado anteriormente, o poeta finaliza a maioria dos versos destes em palavras terminadas em “o”, com sons fechados, para dar a ideia de melancolia, tristeza (madeira, inteiro, derradeiro, cordeiro, delito, infinito, conflito). Afinal, o eu-lírico está à beira da morte.

Novamente também, Gregório manda uma mensagem ao leitor através de um jogo de palavras, ao colocar a palavra “Deus” no primeiro verso, acompanhada do pronome possessivo “Meu”.

Meu Deus, que estais pendente de um madeiro

E finaliza com a palavra “salvar” no último verso

Espero em vosso amor de me **salvar**

Isso demonstra que, mesmo em face da morte, como no contexto desse poema, o cristão detém uma confiança inabalável em Deus e na salvação prometida. O uso do pronome possessivo reforça a intimidade que possui com

Deus o ser humano que passou pelo processo de conversão até o fim, além da certeza de pertencer a Ele. Agora ele não é somente “Deus”. Ele é o “Meu Deus”, aquele com quem passarei a eternidade e que me comprou através do preço pago pela morte sacrificial de Seu filho, Jesus. Não existe mais essa ideia de distância entre homem e Deus, como era nítido nos outros poemas. Finalmente agora ele tem a certeza de que é um filho e herdeiro de todas as promessas que Deus prometeu aos que cressem em Jesus Cristo, como o apóstolo Paulo afirma em Romanos 8:16-17. O pronome possessivo “meu” também aparece no 7º verso, reforçando essa relação de intimidade, dessa vez com o filho:

É, **meu Jesus**, a hora de se ver.

Retornando ao jogo de palavras existente no primeiro e último verso, observemos que ali se encontra a mensagem central do poema, assim como a conclusão da trajetória da salvação. Vejamos:

Meu Deus, que estais pendente de um madeiro

Espero em vosso amor de me salvar

Lidos de uma única vez, temos então uma declaração de alguém que cumpriu a “trajetória da salvação”. Ele expressa, portanto, depois de uma longa jornada percorrida, a compreensão de que a única maneira possível de obter a salvação é por meio de Jesus, corroborando com a fala do próprio Jesus Cristo em João 14:6 (“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, ninguém vem ao pai a não ser por mim”).

Concluimos, portanto, a análise do último dos quatro poemas. Acompanhamos, até aqui, o processo do eu-lírico dos poemas religiosos de Gregório de Matos, durante sua jornada através da “trajetória da salvação” e evidenciamos a sua semelhança, através de diversos textos, com o percurso de personagens bíblicos. Desprovidos da pretensão de encerrar qualquer questão, ansiamos que essa pesquisa possa colaborar com os estudos acerca do sagrado e do profano na poesia religiosa gregoriana, bem como com a área da teologia.

Considerações Finais

O percurso realizado ao longo dessa pesquisa teve por objetivo, tal como expressado no início, identificar aspectos referentes à doutrina bíblica da salvação da humanidade por meio de Jesus Cristo, através dos poemas religiosos de Gregório de Matos e Guerra.

Após meses de estudos da vasta fortuna crítica de Gregório de Matos, selecionamos os referenciais teóricos que melhor sustentassem a construção das hipóteses e argumentos para auferirmos o objetivo desta pesquisa. Separamos então um *corpus* composto por quatro poemas de Gregório: A Nosso Senhor Jesus Cristo com Actos de Arrependimento e Suspiros de Amor, A Nosso Senhor Jesus Cristo, Buscando a Cristo e A Cristo Nosso Senhor Crucificado.

A partir desses poemas, estruturamos nossa reflexão e estabelecemos convergências com os textos bíblicos que tratam da temática da salvação humana, e assim pudemos responder à pergunta da pesquisa: Existem marcas visíveis no percurso do eu-lírico dos poemas religiosos de Gregório de Matos que se assemelhem aos atributos inerentes ao ser humano que percorre o que denominamos por “trajetória da salvação”, segundo o cristianismo? A qual respondemos positivamente e acreditamos ter comprovado com as análises.

A fim de buscar essa resposta, no que concerne às questões teológicas, nos valem do uso da soteriologia, uma área pertencente à teologia sistemática, que estuda a doutrina bíblica da salvação do homem. Os teólogos contemporâneos Millard J. Erickson e Wayne Grudem, autores das obras de

teologia sistemática que nos serviram de aporte teórico, elegem sete etapas pelas quais, bíblicamente falando, o homem percorre até obter a salvação eterna. Sintetizamos essas sete etapas em quatro, uma etapa para cada poema do *corpus*

No primeiro poema, intitulado “A Nosso Senhor Jesus Cristo, com Actos de Arrependimento e Suspiros de Amor”, destacamos a primeira das quatro etapas, que é o reconhecimento do homem em sua condição de pecador diante de Deus, juntamente com a atitude de arrependimento. Demonstramos, através de exemplos bíblicos, que isso só é possível de se ocorrer através da Graça de Deus, atributo que Ele oferece gratuitamente aos seres humanos, e que estes só a recebem mediante a fé. E são exatamente tais características que, através de análise, encontramos no eu-lírico desse poema. Ele clama por arrependimento do início ao fim. Outrossim, evidenciamos que a própria estrutura do poema, indica tal distanciamento entre criatura e criador, em virtude do pecado.

No segundo poema, constatamos a segunda das quatro etapas: a Regeneração. Ela consiste na confissão dos pecados e na transformação da vida do ser humano. Demonstramos que o eu-lírico apresenta sinais da regeneração ao comparar a si próprio com a ovelha desgarrada, da parábola bíblica narrada por Jesus, e empregamos alguns versículos na tentativa de corroborar tal ideia.

A terceira etapa, manifestada no terceiro poema, é a exteriorização pelo ser humano de uma dependência total em relação a Deus. Mediante análise, pudemos indicar que a estrutura do poema aponta, do início ao fim para a figura de Deus como o Criador de todas as coisas, e de Jesus Cristo, como Salvador dos homens. O eu-lírico encontra-se diante da imagem de Cristo crucificado, e afirma sua dependência divina, principalmente para a salvação. A simbologia dos braços abertos devido a crucificação, também representa a relação de dependência do homem, pois o eu-lírico vê Cristo de “braços abertos” para receber o homem que se arrepende, em uma espécie de abraço acolhedor e paternal.

A quarta etapa, que nomeamos por confiança na salvação, é a mensagem central do último poema do *corpus*. Nele, demonstramos que o ser humano que

trilhou todos os passos anteriores do que denominamos por “trajetória da salvação”, demonstra uma confiança inabalável em sua salvação eterna, pois é Cristo quem dá tal segurança. Evidenciamos essa segurança também por meio de fontes históricas, versículos bíblicos e documentos teológicos.

Após todo este percurso, constatamos que a trajetória do eu-lírico dos poemas religiosos de Gregório de Matos que compõem o *corpus* desta pesquisa, assemelha-se muito com o percurso que a soteriologia bíblica, apoiada na Bíblia Sagrada, aponta que o cristão percorre. Outro ponto que nos faz crer na existência dessa semelhança é que, apesar de deixarmos claro no início desta pesquisa que não pensávamos em tratar o eu-lírico dos poemas como uma escrita autobiográfica de Gregório, nada impede que ele tenha inspirado esse eu-lírico em algumas de suas próprias experiências religiosas, pois alguns estudiosos afirmam que Gregório também viveu uma jornada parecida - de uma vida pecaminosa e blasfema, em consideração aos padrões de comportamento bíblicos, até uma vida cristã notável, falecendo nesse último estado.

Esta pesquisa surgiu com a intenção de instigar os estudos da literatura brasileira, principalmente em relação às marcas que a literatura e tradição cristã imprimem-na desde o seu início. Seus resultados não encerram a questão, apenas contribuem com a fortuna crítica de Gregória de Matos e com os estudos da confluência entre a literatura e a teologia. Além de apontar para a necessidade de outras e mais profundas pesquisas e leituras sobre essa obra tão vasta, marcante e perene.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMADO, James. (org). **Gregório de Matos** – Obra Poética, vol 1. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- _____. **Gregório de Matos** – Obra Poética, vol 2. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- ARMÍNIO, Jacó. **As obras de Armínio**, vol.1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CASTELLO, José Aderaldo. **Manifestações Literárias do Período Colonial**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- CATALAN, Jean-François. **O homem e sua religião: enfoque psicológico**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHOCIAY, Rogério. **Os Metros do Boca – Teoria do Verso em Gregório de Matos**. São Paulo: Unesp, 1993.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- FILHO, Domicio Proença. **Estilos de Época na Literatura**. Recife: Liceu, 1973.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

- GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.
- GOMES, João Carlos Teixeira. **Gregório de Matos, o Boca de Brasa: Um Estudo de Plágio e Criação Intertextual**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- GREEN, Toby. **Inquisição: O Reinado do Medo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HANSEN, João Adolfo. **A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- HOUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1982
- HODGE, Archibald Alexander. **Confissão de Fé de Westminster** - Comentada por A. A. Hodge. São Paulo: Os Puritanos, 1999.
- INÁCIO DE ANTIOQUIA** et al. **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2015 – (Coleção Patrística – Vol. 01).
- LAWSON, Steve. **Pilares da Graça: Longa Linha de Vultos Piedosos**. São José dos Campos: Fiel, 2013.
- LOPES, Augustus se. **Como As Pessoas Eram Salvas Antes de Cristo?** **Youtube**. 06 abr. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kpa2PBd7E_M>. Acesso em: 07 jan. 2019
- LOPES, Hernandes Dias. **A Certeza da Salvação**. **Youtube**, 10 fev. 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=W9DQbHe061k>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa Através dos Textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- OWEN, John. **The Doctrine of the Saints' Perseverance**. Independently Published. 2017.
- PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PINHEIRO. Cônego Fernandes. **Curso de Literatura Nacional**. Brasília: Cátedra, 1978.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Poesia e Protesto em Gregório de Matos**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

SPINA, Segismundo. **A Poesia de Gregório de Matos**. São Paulo: EdUSP, 1995.

STORNILO, Ivo & BALANCIN, Euclides Martins. **Como Ler o Livro do Gênesis: Origem da Vida e da História**. São Paulo: Paulus, 1997.

TAPIÉ, Victor. **Barroco e Classicismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1974

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Gregório de Matos: Biografia e Estudo**. São Paulo: Martins, 1972.

Anexos

A uma ausência

Sinto-me sem sentir todo o abrasado

No rigoroso fogo que me alenta

O mal que me consome me sustenta

O bem que entretém me dá cuidado

Ando sem me mover, falo calado

O que mais perto vejo se me ausenta

E o que estou sem ver mais me atormenta

Alegro-me de ver atormentado

Choro no mesmo ponto em que me rio

No mor risco me anima a confiança

Do que menos se espera estou certo

Mas, se de confiado desconfio

É porque, entre os receios da mudança

Ando perdido em mim como em deserto²⁴

²⁴ O poema está presente no livro "A literatura através dos textos", de Massaud Moisés, às páginas 191-192

Necessidades forçosas da natureza humana

Descarto-me da tronga, que me chupa,
Corro por um conchego todo o mapa,
O ar da feia me arrebatada a capa,
O gadanho da limpa até a garupa.

Busco uma freira, que me desentupa
A via, que o desuso às vezes tapa,
Topo-a, topando-a todo o bolo rapa,
Que as cartas lhe dão sempre com chalupa.

Que hei de fazer, se sou de boa cepa,
E na hora de ver repleta a tripa,
Darei por quem mo vase toda Europa?

Amigo, quem se alimpa da carepa,
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa,
Ou faz da mão sua cachopa.²⁵

²⁵ O poema está presente no livro "A sátira e o Engenho", de João Adolfo Hansen, à página 436

Anjo Bento (Trecho)

“Deus me guarde!

Do que passeia farfante,

Muito prezado de amante,

Por fora luvas, galões,

Insígnias, armas, bastões,

Por dentro pão bolorento:

Anjo Bento!

Destes beatos fingidos,

Cabisbaixos, encolhidos,

Por dentro fatais maganos

Sendo nas caras uns Janos:

Que fazem do vício um alarde

Deus me guarde!”²⁶

²⁶ O trecho citado do poema “Anjo Bento” está presente no livro “Curso de Literatura Nacional”, de Cônego Fernandes Pinheiro, às páginas 183-184

Pica-Flor

Se Pica-Flor me chamais,
Pica-Flor aceito ser,
Mas resta agora saber,
Se no nome que me dais,
Meti a flor que guardais
No passarinho melhor!
Se me dais este favor,
Sendo só de mim o Pica,
E o mais vosso, claro fica,
Que fico então Pica-Flor.²⁷

²⁷ O poema está presente no livro "Poesia e Protesto em Gregório de Matos", de Fritz Teixeira de Salles, à página 105

A inconstância dos bens do mundo

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas e alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falta a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se a tristeza,

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza.
A firmeza somente na inconstância.²⁸

²⁸ O poema está presente na coletânea “Gregório de Matos – Obra Poética”, de James Amado, à página 752

A Nosso Senhor Jesus Cristo com Actos de Arrependimento e Suspiros de Amor

Ofendi-vos, Meu Deus, bem é verdade,
É verdade, meu Deus, que hei delinqüido,
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha à vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido;
Vencido quero ver-me, e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,
A salvação pertendo em tais abraços,
Misericórdia, Amor, Jesus, Jesus.²⁹

²⁹ O poema está presente na coletânea “Gregório de Matos – Obra Poética” de James Amado, às páginas 68-69

A Nosso Senhor Jesus Cristo

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Antes, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,

Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,

Perder na vossa ovelha a vossa glória³⁰

³⁰ O poema está presente na coletânea “Gregório de Matos – Obra Poética” de James Amado, às páginas 69-70

Buscando a Cristo

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, pra chamar-me

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.³¹

³¹ O poema está presente no livro "Gregório de Matos", de Maria de Lourdes Teixeira, à página 126

A Cristo Nosso Senhor Crucificado

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja Lei protesto de viver,
Em cuja Santa Lei hei de morrer,
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai, manso cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu delito;
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Essa razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei neste conflito,
Espero em vosso amor de me salvar.³²

³² O poema está presente na coletânea “Gregório de Matos – Obra Poética”, de James Amado, à página 69